

Parte IV

Para uma vivência humanizada e humanizadora da sexualidade

Introdução da Parte IV

A educação é um Direito Universal é inquestionável de toda pessoa. Direito e bem universal que deve ser oferecido com solidez, responsabilidade, compromisso e competência. A pessoa humana deve ser considerada em todo o seu desenvolvimento, em todas as suas dimensões humano-existenciais e nas diversas situações que se encontre. Por motivos históricos, especialmente pelas influências de correntes de pensamento dualistas que marcaram a vida eclesial, parcela da sociedade não acredita que a Igreja Católica possa oferecer uma educação eficaz, que se aproxime da enorme complexidade das questões afetivas e sexuais que angustiam as pessoas e as afastam de seu verdadeiro significado. São conseqüências produzidas por uma cultura que tem incentivado muitos contra-valores. É uma cultura de “morte”.

O Evangelho de Jesus Cristo, sua Palavra e Vida, fundamento da ética cristã, tem em si a eficácia e revela o caminho da libertação e da Vida em plenitude. A sexualidade humana, que é dom de Deus ao ser humano, necessita num contexto de deformações e desumanização, ser iluminada e permeada pela graça de Deus, para que seja pelo ser humano redimensionada em sua compreensão e vivência. Numa sociedade onde predomina o hedonismo, uma cultura que faz do outro objeto que vem perdendo seu rumo existencial e sua verdade, a pessoa precisa ser reeducada no amor, necessita se reencontrar na sua identidade mais profunda, para perceber toda a beleza e fecundidade presente em sua dimensão sexual.

A hipótese que acompanha este trabalho volta-se objetivamente para uma Educação sexual humanizada e possível de ser oferecida. O compromisso é com o Evangelho de Jesus Cristo. Mergulha-se séria e responsabilmente, através de um engajamento ininterrupto com a formação da pessoa como um todo, de maneira unitária e integradora, coloca-se um olhar mais atento e cuidadoso acerca da sua dimensão sexual.

Em resposta ao Evangelho de Jesus Cristo, assumido integralmente pela Igreja e manifestado através dos documentos do magistério, a pesquisa assume o desafio de apresentar uma metodologia de educação continuada para confirmar a

hipótese de trabalho. Assume que a educação é sempre uma tarefa indispensável. A educação é processual e se constrói com paciência e perseverança contínuas. É um empreendimento árduo para toda a vida que não deve ser negligenciado e nem deixado para depois. Educar, formar para a vida e para o amor, dar condições do ser humano voltar a acreditar no infinito amor de Deus e re-humanizá-lo é a missão da Igreja, dos cristãos, dos teólogos, dos homens e mulheres de bem. A dimensão afetivo-sexual da pessoa, formada no acolhimento e no amor, entre todas as suas dimensões, torna-se sinal inquestionável e precioso dos efeitos da graça de Deus e do seu Amor.

A título de recordação, este trabalho é desenvolvido em quatro partes: apresenta o ser humano contemporâneo, a sua maneira de compreender e viver a dimensão sexual, contextualizado na sociedade e na cultura pós-moderna com alguns reflexos e consequências histórico-culturais. A segunda parte elucida a sexualidade humana com a reflexão teológica e o ensino do magistério eclesial, numa perspectiva antropológica integradora da pessoa humana. A terceira parte apresenta a proposta da Educação Dialógica/Libertadora de Paulo Freire como caminho para a autonomia da pessoa, dando-lhe a oportunidade de fazer suas escolhas e assumi-las.

Esta Quarta Parte, capítulo conclusivo, apresenta alguns elementos da Ética Cristã considerados indispensáveis para a reflexão da ética sexual e uma seleção de matrizes teóricas e pedagógicas da práxis educacional de Paulo Freire, colocada como mediação a serviço da pastoral. A partir da exposição dos conteúdos da Ética cristã e da educação dialógica freireana, apresenta-se uma metodologia para educação continuada da pessoa que participa na pastoral com o objetivo de contribuir para uma educação do amor em vista de uma compreensão e vivência mais humanizada e humanizadora da dimensão afetivo-sexual.

Esse processo exige que os cristãos e teólogos se distanciem do pessimismo produzido pelas insuficiências na educação da sexualidade e invistam na possibilidade real, através de numa perspectiva transformadora que a educação é capaz de construir. Segundo a proposta educacional de Paulo Freire a educação está envolvida pelo sonho, pela esperança e pela utopia, e para o educador sonho/utopia é o realizável é o concreto capaz de acontecer e mudar as situações adversas.

7

Elementos da Ética Cristã e da Educação Dialógica/Libertadora: para uma metodologia de educação continuada da dimensão afetivo-sexual a serviço da pastoral

Introdução

Este capítulo conclusivo apresenta alguns elementos da Ética Cristã mediados pela Educação Dialógica/Libertadora de Paulo Freire. A elaboração de uma metodologia de educação/formação continuada a serviço da pessoa na pastoral visa uma educação no amor voltada para a humanização da dimensão afetivo-sexual.

O educador Paulo Freire na sua originalidade não oferece um método restrito à alfabetização, mas apresenta conteúdos facilitadores, em sua práxis educacional, para um processo de “conscientização” da pessoa a partir de sua própria realidade histórico-social. Esse itinerário de conscientização, complexo e para toda a vida, nasce a partir de um contexto pedagógico concreto com objetivos bem definidos pelo educador.

Ressalta-se que através de novas técnicas pedagógicas possibilita-se ao educando uma visão diferenciada do mundo com uma postura mais crítica e realista da sua situação. O resultado é benéfico, e oferece-lhe a oportunidade de transformar situações que nem sempre são as mais adequadas e dignas. Paulo Freire mostra que não é possível conscientizar um indivíduo isoladamente, mas é um caminho empreendido social ou comunitariamente. Para isso o grupo que recebe a pessoa deve acolhê-la de maneira solidária, atento às situações-limite do indivíduo que chega e as situações que surgem durante a convivência e a formação.

A eticidade na prática educadora é fundamental e facilitadora para a eficácia dos resultados que se espera com o amadurecimento do respeito do educando por si mesmo e pelos outros. A educação dialógica freireana acena em sua práxis educacional para o componente ético, imprescindível para o objetivo desse trabalho de uma educação no amor. O elemento ético falta em muitas abordagens e abre precedentes para comportamentos desrespeitosos ou para a indiferença por

parte do educando em relação aos conteúdos oferecidos e nas relações interpessoais.

O posicionamento ético é indispensável para que as pessoas decidam a própria vida com uma consciência mais autônoma e digna, em vista da exigência para a cidadania e da ordem social. Para o tema da sexualidade a exigência ética ainda é maior, estabelecendo relações interpessoais na alteridade e no respeito mútuo.

Este capítulo apresenta quatro itens: no primeiro desenvolve alguns elementos da Ética Cristã, considerados essenciais para a reflexão da ética sexual e a vivência humanizada da dimensão afetiva e sexual da pessoa. O segundo item focaliza a ética na Práxis Educacional de Paulo com uma abordagem acerca da compreensão de ética universal e da ética na educação, assumida como postura indispensável pelos educador-educando no processo ensino-aprendizagem. O terceiro item aponta para a necessidade da educação sexual continuada da pessoa comprometida na pastoral. Essa demanda é confirmada pelo Documento de Aparecida (V CELAM) e pela CNBB. Apresenta as matrizes educacionais freireanas essenciais para o desenvolvimento do processo educativo. E o último item trata a aplicação da práxis educacional freireana apresentando uma metodologia de educação continuada da pessoa em sua dimensão sexual, para uma vivência mais humana e integradora.

7.1.

A Ética Cristã e a vivência humanizada da dimensão afetivo-sexual

7.1.1.

A dignidade da pessoa numa perspectiva de integração da sexualidade humana

A Igreja anuncia que o ser humano é pessoa em unidade e integralidade. Assumir essa afirmação é fundamental para se compreender a humanização do ser humano.⁶¹²

A pessoa humana, unidade de espírito e corpo, integrada, marcada por ambiguidades, por fragilidades e por valores, em todas as suas dimensões biológica, psíquica, espiritual, intelectual e moral é compreendida e acolhida, na Igreja, com toda a dignidade que lhe pertence. A Igreja afirma e assume o ser

⁶¹² Cf. GARCÍA RUBIO, A. *O Novo paradigma civilizatório e o conceito cristão de pessoa*, op. cit., p. 274.

humano como pessoa, recorda o conteúdo da mensagem bíblica que aponta para a realidade suprema do ser humano: criado à imagem e semelhança de Deus, e por isso digno e único.⁶¹³ A ética sexual pós-conciliar se posiciona com a visão cristã da pessoa, a partir de uma antropologia unitária/integradora, que humaniza todas as dimensões e relações fundamentais.

Todo homem e toda mulher, afirma a fé cristã, são únicos e dignos, insubstituíveis e respeitáveis, distintos e irrepetíveis. Este é o projeto de Deus sobre o ser humano que precisa ser introjetado nas formas de se olhar o mesmo para promovê-lo em seus direitos e deveres oferecendo a possibilidade de uma vida mais plena. A dignidade humana é uma verdade vinculada à fé cristã. Infelizmente, nem sempre essa dignidade tem sido respeitada e assumida, pois os mecanismos de alienação e de desumanização estão presentes em todas as sociedades ao longo da história. No percurso histórico, muitas vezes sombrio, não faltam “justificativas” para as explorações do homem pelo próprio homem e pelas estruturas sócio-econômicas de massificação e de exploração.

Mesmo sob o influxo de estruturas desumanizantes e contrárias à mensagem do Evangelho, o valor da pessoa é uma realidade imperativa, é concedido por Deus, como dom e expressão de seu infinito amor. Essa certeza norteia o resgate da humanização e da dignidade das pessoas em todas as situações em que se encontrem. Empreende-se esforços, através do serviço, como fermento e mediadores para a reestruturação de milhares de vidas atadas às injustiças, às exclusões, às alienações que retardam intencionalmente a evolução da cultura e o progresso da civilização.

As consequências, da infiltração dualista, bastantes nocivas, recaem sobre o amadurecimento da dimensão afetivo-sexual nas pessoas, dificultando o exercício da liberdade e da autonomia com destaque para alguns exemplos: o desprezo e os maus tratos à corporeidade e a tudo que se relaciona à mesma; a sexualidade considerada indigna, “suja” e “pecaminosa”; o incentivo de um espiritualismo descontextualizado com a história; o reforço de uma visão apenas biológica e materialista da sexualidade humana; a separação da dimensão espiritual da pessoa da sexualidade, como se a sexualidade e a salvação não se integrassem e não

⁶¹³ Cf. *ibidem*.

fizessem parte de um todo; a separação entre a psique e a matéria, entre o racional e o biológico etc.

A intenção da Igreja, através do magistério eclesial e da reflexão teológica é o resgate/reconstrução de uma visão integradora da pessoa que supere pouco a pouco a mentalidade dualista. O caminho para esta mudança de posicionamento e visão, em parte, se dá através de uma educação dialógica e inclusiva que ilumine processualmente a vida das pessoas e da sociedade.

A proposta de uma educação é complexa. O desencadeamento dos efeitos negativos, oriundos do dualismo e de abordagens moralistas, reforça mentalidades com posicionamentos fechados e desumanos, consolida uma consciência ingênua e paraliza a pessoa.

Crescem os sentimentos de incapacidade ou de impotência diante da necessidade de se oferecer orientações ou uma educação que forme as pessoas para a vida e para o amor. Os afetos ficam descompassados; o medo, mudança de conversa ao se tocar no assunto da sexualidade, constrangimentos ao falar sobre os assuntos relativos ao corpo, ao ser homem e ser mulher; vê-se ansiedade em algumas lideranças pastorais em torno dos temas especialmente quando apresentados nos espaços eclesiais com notória falta de naturalidade ou pudor excessivo.

No âmbito da dimensão afetivo-sexual, o resgate de sua compreensão como ordenada à totalidade da pessoa e como elemento constituinte para o desenvolvimento equilibrado da personalidade, passa primeiro pelo sentido e valor da corporeidade e de outros conteúdos essenciais que foram desprezados, ignorados ou simplesmente considerados nocivos à pessoa. A sexualidade humana se mal compreendida pode ser vivenciada de maneira deformada e desumanizante e abre-se para experiências de subjetividade fechada produzindo desamor ao invés de amor.

Todos são chamados, homens e mulheres, seres sexuados e desejosos pelo amor, a manifestar, através da vivência saudável da sexualidade, os sinais da presença de Deus com sua ternura, beleza e salvação na história existencial humana. Acolher e trabalhar sobre essa possibilidade é a via da integração, num percurso dialético com as ambiguidades, em meio às “luzes e sombras”, quando se re-elabora o caminho e se re-configura a história. Não há dúvidas que com o “inacabamento” a pessoa pode se redescobrir.

Cabe a ética cristã, na sua explicitação, revelar uma visão do homem-pessoa na sua integralidade, pois o chamado de Deus se dá em favor da vida e não da morte. A ética cristã fundamenta-se no valor incomparável, inviolável e inalienável da vida humana, aponta para a verdade fundamental que toda pessoa, sem exceção, em qualquer situação que se encontre deve ser respeitada e acolhida na sua dignidade e sacralidade.⁶¹⁴

7.1.2.

O Seguimento e o discipulado de Jesus Cristo: caminho para a humanização da pessoa e integração de sua sexualidade

“Seguir a Jesus é viver o radicalismo do amor, que leva a entregar a vida pelos outros.”⁶¹⁵ É acolher sua mensagem e sua forma de existência, como Modelo único, onde revela sua doação amorosa, e convida a segui-lo e imitá-lo. Essa forma de ser, integrada e humanizada, que todos os cristãos são chamados a viver, só pode ser “ouvida” e aprendida através de uma adesão livre e responsável ao Evangelho de Jesus Cristo, que transforma as estruturas existenciais e todas as dimensões da vida humana.

O encontro com Jesus se dá no encontro com sua Pessoa e com sua prática, desafio existencial que atrai, encoraja e impulsiona o cristão a assumir seu compromisso com uma ação concreta na história a partir da comunhão com o Mestre e Senhor Jesus (cf. Jo 15,4-16).

A prática de Jesus, a sua Pedagogia Libertadora, o seu agir concreto na realidade histórica, através de seus gestos e palavras, aponta para o serviço ao Reino de Deus, com sua ação amorosa e misericordiosa, de um amor destinado aos privilegiados do Reino, “aos oprimidos”, “aos condenados da terra”. Jesus anuncia o Reino de Deus aos pobres e denuncia todo tipo de escravidão, de alienação e de exploração. Para a fé cristã, a sexualidade humana, em todas as suas expressões, é assumida e contemplada a partir da luz do Cristo “ressuscitado-exaltado” e colocada a serviço do Reino de Deus. Toda realidade humana, toda existência é incluída na ação salvífica da graça de Deus, que tudo santifica e dá pleno sentido.

⁶¹⁴ Cf. JOÃO PAULO II. *Evangelium Vitae (EV)*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995, n. 2, p. 6-8.

⁶¹⁵ AZPITARTE, E. L. *Fundamentação da Ética Cristã*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 251.

O seguimento e o discipulado de Jesus fazem parte da adesão ao Reino de Deus. Para Jesus o Reino é prioridade e todas as demais realidades as relativiza, sem que as desvalorize ou as despreze, pois sua vida traz novo sentido a tudo. A corporeidade, a sexualidade, o ser humano inteiro é assumido por Cristo e salvo no seu amor. O agir de Jesus é sempre em vista da pessoa humana, reflexo do seu amor pelo Pai, do seu *Abba*.

Somente em Jesus Cristo, no seu amor e seguimento, o ser humano é assumido como *pessoa*, desde o primeiro instante da concepção até o último sopro de vida, levando em conta todo o seu desenvolvimento.⁶¹⁶ O Deus-Amor, que ama com o amor-agápico, situa e transforma o amor humano, o amor erótico homem-mulher, enriquecendo, fecundando e humanizando os relacionamentos humanos, para que as tentações de subordinação do outro, egoísta e de dominação sejam superadas dando lugar ao amor, à reciprocidade e à alteridade. O Amor de Deus exprime sua liberdade e para os cristãos é inspiração e critério para o agir moral.

A ação salvífica e amorosa de Jesus é uma prática de justiça, coloca-se ao lado dos excluídos, em todas suas formas, inclusive as de ordem sexual e moral, retirando-os da marginalidade social, cultural e religiosa e concedendo-lhes de volta o direito de recriarem e se restabelecerem numa nova e libertadora condição de vida.

A ética cristã entende o ser humano como inconcluso e deve despertar na história concreta a consciência, a prática da liberdade e o exercício coerente da responsabilidade. Nesse sentido a sexualidade humana encontra um imenso reforço para ser vivenciada com toda dignidade possível.

O seguimento de Cristo torna o ser humano mais consciente da própria insuficiência e de sua dependência do dom de Deus. O Amor misericordioso e justo de Deus faz o ser humano compreender sua vocação e missão. Impulsiona a pessoa a dar sua resposta na liberdade, pela força de Seu Espírito para um compromisso fiel com a justiça e com a paz.

O ser humano, assumido como pessoa, é voltado para a *relacionalidade*, é capaz de *comunhão*, e, mesmo como ser “inacabado” é convidado ao crescimento e ao aperfeiçoamento contínuos. O mistério de Cristo, Verbo encarnado, resposta

⁶¹⁶ Cf. PAULO VI. Carta Encíclica *Humanae Vitae* (HV). 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2001, n. 1-6, p. 5-10.

de amor e de vida a todos os homens e mulheres, chama-os pelo nome, a ser discípulos, concedendo-lhes um carisma que os torna capazes de agir pelo seu Reino em unidade e comunhão.

No contexto da ética sexual cristã, em vista de uma educação no amor e para o amor, o seguimento de Cristo, é central para maior coerência e amadurecimento da opção fundamental que cada um é chamado a responder. A perspectiva de amor a Deus e ao próximo alicerça a reflexão em torno da sexualidade humana, com uma visão integradora da pessoa.

A ética sexual pós-conciliar responde ao apelo eclesial, a partir dos valores cristãos enraizados no seguimento de Jesus Cristo, entre eles o sentido da alteridade considerada serviço da dimensão relacional-pessoal entre o homem e a mulher. Urge que a Igreja, especialmente o Magistério Eclesiástico e a reflexão Teológica, dialogue sinceramente com a sociedade. Firme sua posição favorável à dignidade humana e à vida em plenitude, colabore efetivamente no processo de construção da alteridade para a humanização da sexualidade humana e para uma vivência mais intensa do amor e do serviço ao próximo. O seguimento de Cristo é processo de busca do finito, - ser humano, por Àquele que é Infinitude.

Propositamente e em consonância com o pensamento freireano, insiste-se na importância da alteridade, que continua negligenciada diante da forte “onda” cultural neoliberal manipuladora das consciências, inclusive no meio eclesial-pastoral.⁶¹⁷ A ética cristã concede a base fundamental para a práxis educacional de Paulo Freire, porque ele ensina a busca do Outro, o encontro na sua história e no seu mistério existencial.

7.1.3.

O percurso ético do ser humano: sentido da liberdade cristã e opção fundamental

O seguimento e o discipulado de Cristo concedem maior clareza e consciência à pessoa acerca do sentido da liberdade e da opção fundamental.

⁶¹⁷ Esta “onda” cultural soma-se a uma violenta pressão e manipulação através da indústria, do comércio, dos MCS e de outros “grupos” com interesses particulares em induzir o consumidor a uma maior utilização e investimento no mercado sexual. Em muitos casos, o fator ético fica esquecido, obscurece-se a verdade para que o mercado financeiro não seja abalado. Vive-se numa cultura individualista, consumista e de “morte”.

Essas realidades aprofundam-se a cada dia, a cada passo de conversão e em cada escolha realizada.

Neste contexto, encontra-se as perguntas fundamentais relativas ao existencial humano seladas no coração de homens e de mulheres: “Que devo fazer? Como discernir o bem do mal?”⁶¹⁸ A resposta está no centro onde habita a “*verdade*”, a consciência humana. A pessoa, ao se deixar interpelar por essas perguntas existenciais coloca-se diante da indispensabilidade do seguimento e do discipulado de Jesus Cristo. Responder a essas questões existenciais não é um caminho fácil de ser empreendido; exige do cristão uma disposição interna, para que compreenda o que significa viver um agir moral comprometido como testemunha de Cristo e a partir de Cristo.

O relato do *Jovem rico* (cf. Mc 19, 16-21), narrativa principal utilizada como reflexão na Carta Encíclica *Esplendor da Verdade*, preocupa-se particularmente com a questão moral e com essas perguntas essenciais. O que parece estar em torno das “questões” do jovem que se aproxima de Jesus, é o significado e o sentido de sua vida, de como construí-la e conduzi-la a partir da práxis da liberdade. A aspiração presente no íntimo de cada ação humana e que move a pessoa em suas decisões, mobiliza sua inquietude e a impulsiona a agir segundo sua liberdade, mais um motivo para que a mesma seja responsabilmente vivida a partir da opção fundamental.⁶¹⁹

Há uma lei, gravada por Deus, no coração/consciência do ser humano, sacrário onde o homem se encontra a sós com Deus e consigo mesmo, que o faz escolher o bem, o amor e a evitar o mal.⁶²⁰ A liberdade exercida é, portanto, devedora da consciência que cada um traz sobre si mesmo e sobre o outro. Essa liberdade passa pela dinâmica da obediência profunda, ontológica, do homem para com esta lei, a “voz de Deus” em seu interior, tornando-o mais digno e mais livre.⁶²¹

A liberdade é um componente essencial do ser do homem, dá significado à existência, caracteriza o agir humano e por isso tem conotação moral. A liberdade em sua delimitação evidencia o seu significado “ontológico”, como a capacidade

⁶¹⁸ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Veritatis Splendor* (VS). 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1993, n. 2, p. 6.

⁶¹⁹ Cf. *ibid.*, n. 7, p. 16.

⁶²⁰ Cf. GS, n. 16. In: VIER, F. F. CV II, op. cit., p. 157-158.

⁶²¹ Cf. JOÃO PAULO II. VS, op. cit., n. 54, p. 89-90.

que as pessoas têm de dispor de si mesmas, isto é, de se auto-determinar, exigindo, ao mesmo tempo, atenção especial aos condicionamentos biopsíquicos, socioculturais, político-econômicos e outros que determinam o ser e o agir humano. Esses condicionamentos influenciam o exercício da liberdade alterando o seu significado e sua expressão.

A liberdade humana está relacionada à opção fundamental da pessoa. O resultado é uma decisão que brota do centro da personalidade, do “coração” do homem. Decidir livremente não é apenas um ato periférico, mas refere-se ao conjunto da existência humana; envolve toda a pessoa, orienta e dá sentido à sua vida. A vida moral deve ser julgada a partir da “profundidade” da opção fundamental, como expressão básica da moralidade. Porém para que esse processo aconteça de forma coerente e consciente outra pergunta é central para a decisão ética – *Que devo fazer?* Essa pergunta inclui e implica numa outra fundamental – *quem eu quero ser* a partir da decisão que livremente assumo.⁶²²

B. Häring afirma que nenhuma ética autêntica é entendida sem a explicitação clara do que é a liberdade e do que a mesma não representa.⁶²³ Só é possível falar de liberdade se a mesma é entendida como um elemento articulado à responsabilidade. Jesus é Modelo e exemplo da fidelidade de quem sabe ouvir e obedecer no amor a partir da práxis de sua liberdade. Na ética cristã tudo parte de Jesus de Nazaré - o Cristo, ungido pelo poder do Espírito Santo, que dirige sua resposta ao Pai, que o chama e envia.

O ser humano, na sua pessoalidade e como ser sociável, tem a faculdade de expressar-se em sua liberdade, fazer com que o dom de Deus se expanda ao outro, dom que se manifesta nas relações interpessoais. Por ser dotado de inteligência, de discernimento e de decisão, elege o seu caminho a partir de sua razão e capacidade de julgamento.

No âmbito da ética sexual, as influências externas e particularmente as de caráter psico-afetivo-sexual, condicionam e manipulam as pessoas no uso de sua liberdade, prejudicando-as a si mesmas e aos demais. A liberdade do ser humano é sempre uma liberdade situada e precisa ser continuamente libertada pela ação da

⁶²² Sobre o tema da Opção Fundamental cf. JUNGES, J. R. *Evento Cristo*, op. cit., p. 133-149 e cf. AZPITARTE, E. L. *Hacia una nueva visión de la ética Cristiana*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2003, p. 270-294.

⁶²³ Cf. HÄRING, B. *Livres e fiéis em Cristo*, Vol. I, op. cit., p. 69.

graça.⁶²⁴ A liberdade reflete-se no corpo, é *encarnada*, condicionada aos vários fatores, sofre influências com repercussões nas ações e comportamentos, distancia de uma vivência mais humana e madura da sexualidade, dos relacionamentos, abre mais espaço para as fragilidades e vulnerabilidades humanas. A liberdade e as escolhas devem se aliar ao ser humano favorecendo o caminho para humanização e não ao contrário ao fomentar os mecanismos de instrumentalização e banalização de suas experiências existenciais, entre as quais está a dimensão afetivo-sexual.

A cultura contemporânea tem posto radicalmente em questão a “liberdade” relativizando-a e reduzindo-a, no fundo mostrando uma enorme confusão conceitual.

No processo de educação e de conscientização indispensável a todas as pessoas, a liberdade é gradualmente libertada pela fidelidade de Deus que assiste aos seus filhos com sua graça e permite que o ser humano dê sua resposta, mesmo de maneira pouco consistente e frágil. Responder a Deus, com liberdade, constitui um profundo ato de gratidão ao dom que é oferecido.

Através da fé o ser humano descobre suas possibilidades internas como dom e as coloca a serviço do outro e da sociedade, com um diálogo sincero e responsável. A pessoa uma vez exercendo a sua liberdade estabelece um envolvimento responsável com o projeto do Reino, transcende ao cumprimento da lei e das normas não refletidas. Só há moral na liberdade e somente na liberdade o homem pode vencer-se a si mesmo e se converter ao bem.⁶²⁵

A liberdade individual age com outras liberdades. As decisões e vontades estão pareadas com outras circunstâncias e com outras pessoas. Assim *o espaço da liberdade individual é sempre afetado pelas liberdades alheias. É frequente à pessoa a “experiência de viver num mundo marcado pelo pecado. Convivemos com ações humanas que promovem o egoísmo, bem como a vontade de poder, de possuir e de prazer.”*⁶²⁶

No âmbito da sexualidade humana o exercício de liberdade bem compreendido e em caminho de libertação produz alteridade e amor. Mas se for

⁶²⁴ Cf. FRANÇA MIRANDA, M. *A Salvação de Jesus Cristo*, op. cit., p. 89-97; nessa obra o teólogo aprofunda o tema sobre a liberdade situada.

⁶²⁵ Cf. JOÃO PAULO II. *VS*, op. cit., n. 33-34.

⁶²⁶ FRANÇA MIRANDA, M. *A Salvação de Jesus Cristo*, op. cit., p. 92.

conduzida de forma mal resolvida ou irresponsável, resulta em escravidão, deformações e reduções graves para a experiência humana pessoal e comunitária.

Paulo Freire considera a liberdade como uma matriz educacional importante. Perpassa em suas obras a afirmação de que o homem é livre e por isso capaz de viver na liberdade e abrir-se, dialogicamente ao amor a Deus e ao seu próximo. Ser livre é estar enraizado, e comprometido com uma práxis que testemunha a humanização. A pessoa no exercício integrado de sua liberdade, assume suas tarefas cotidianas, a própria realidade, reflete e analisa, posiciona-se criticamente e toma decisões capazes de interferir e alterar a realidade. Esse caminho concreto se faz com parcerias, em comunhão e em diálogo, procurando evitar que a esperança num futuro melhor desapareça. “E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

7.1.4.

A responsabilidade moral: caminho para o compromisso e para a humanização

Como a liberdade, a responsabilidade humana também é limitada. Tanto pela liberdade quanto pela responsabilidade o ser humano nas suas ações cotidianas vê-se diante de fatores subjetivos, exteriores ou sociais, que influenciam o seu modo de agir e de estar no mundo, modificando o seu comportamento e suas atitudes diante das situações que o cercam.

A responsabilidade moral não é individualista, é exercida na complexa trama entre o privado e o público, entre o pessoal e o político, entre o pessoal e o interpessoal, entre o pessoal e o coletivo. O outro é implicado no agir pessoal. É impossível separar o ato humano livre e responsável do juízo ético, pois todo ato livre tem um conteúdo e apresenta resultados. Qualquer ato humano ou práxis refere-se a alguma coisa ou a alguém, há um direcionamento, mesmo que seja impreciso ou imperceptível por quem pratica a ação. Esse agir pode ser conforme ou disforme – mas nunca objetivamente indiferente ou nulo, em relação à pessoa que realiza a ação e em relação aos destinatários desta mesma ação.⁶²⁷

A responsabilidade moral está impregnada de uma capacidade e disponibilidade para se responder ao apelo de Deus, de corresponder ao seu

⁶²⁷ Cf. SGRECCIA, E. *Manual de Bioética*, Vol. I, op. cit., p. 144.

chamado e ao seu dom. É um chamado à co-criação, é um “tocar” no mistério insondável da vida em Deus e com Deus.

A responsabilidade na perspectiva cristã exige a práxis de outros elementos, entre eles a fidelidade e a liberdade, alicerçadas à historicidade - dimensão essencial da existência humana. O ser humano constituído de história é autor de sua história, pode transformá-la ou não. Toda experiência humana é mediação entre o passado e o futuro e entre os homens. O “ser hoje” que é construído deve partir da presença amorosa de Deus; da resposta livre do ser humano ao amor e chamado de Deus. Parte do desejo profundo de encontrar-se com as pessoas. A vida tem maior ou menor valor à medida que se concede à própria vida uma direção responsável e criativa.

O ser humano, ao dar a sua resposta de fé, compromete-se fielmente com o seguimento de Cristo e com o outro. É ser de moralidade e assim recebe a “capacidade de encontrar a história conscientemente, com gratidão e espírito crítico (...) Pela fé é inserido na história da libertação e da salvação que se tornam possíveis por Jesus Cristo.”⁶²⁸

Contextualizados e implicados com a história humana dela se parte. Por isso não se dissocia a liberdade, da fidelidade e da responsabilidade. História, compromisso e responsabilidade encontram-se articuladas na perspectiva da moralidade. A ética cristã, comprometida com a história é uma ética de atitude e de responsabilidade.⁶²⁹

Como caminho mais seguro, para uma atitude de responsabilidade criativa, é necessário assumir e honrar a iniciativa de Deus através de uma escuta aberta e livre, aceitando-se como pessoa dotada de capacidade para corresponder ao chamado amoroso de Deus. Essa escuta ao chamado de Deus sensibiliza e ensina a escutar uns aos outros, auxiliando na interpretação dos acontecimentos, das situações históricas e de própria consciência.

Muitos fatores, internos e extrínsecos às pessoas alteram a lucidez da consciência na co-responsabilidade das atitudes humanas. Esta constatação não é definitiva, pois esses fatores não eliminam totalmente a capacidade de responsabilidade do ser humano, o entendimento e a vontade presentes e

⁶²⁸ Ibid., p. 97.

⁶²⁹ Cf. HARING, B. *Dinâmica da Renovação*, op. cit., p. 27.

colaboram de maneira positiva auxiliando a pessoa no seu discernimento e no contínuo desenvolvimento.

A liberdade psicológica escravizada pelas múltiplas pressões, conscientes ou não, altera o contexto da responsabilidade moral. Como exemplo: o ato de violar a intimidade, reduto sagrado do ser humano, pode vir a ser o maior atentado que se faça contra alguém, pode significar o despojamento da sua dignidade e de sua identidade. Essa violação é muito evidente no campo da dimensão afetivo-sexual, com graves e desastrosas consequências.

Paulo Freire contempla a matriz educacional da responsabilidade e afirma o caráter ético da mesma. Trata sobre a obrigação que todo ser humano tem de denunciar as estruturas alienantes e anunciar as situações que humanizam a pessoa e a sua própria estrutura sócio-histórica. O percurso de conscientização prevê sempre uma postura de responsabilidade por parte do educador que busca partilhar o seu conhecimento e do educando que se coloca em atitude de abertura para o diálogo.

Uma educação que tem como base a fé cristã, que administra a autoridade, que não provém de uma obediência cega, mas de um discernimento ordenado em vista da maturidade e da humanização da pessoa, essa educação tem responsabilidade moral importante. A sociedade plural em transformação precisa de homens e de mulheres que queiram assumir responsabilidades e sejam capazes de multiplicá-las. Precisa de homens e de mulheres que vivam responsavelmente suas relações e assumam sua dimensão sexual como sinal e expressão de amor e maturidade.

Associada à questão da responsabilidade, Paulo Freire ressalta o *sujeito social*, isto é, aquele que exerce sua cidadania de maneira autônoma e transforma o seu ambiente através de um movimento de *vir a ser* como vocação natural. É do ser humano o potencial de mudar, pertence ao ser humano essa capacidade, por que foi dotado por Deus para isso, e assim é de sua responsabilidade construir o novo.

Somente o homem integrado pode ser chamado de sujeito. Se faltar ao ser humano seu senso de responsabilidade, este tende a adaptar-se ou acomodar-se em estruturas desumanas e injustas, acaba tornando-se mais objeto do que propriamente sujeito da história, desenraizando, desumanizado e coisificado. Nesse sentido a deformação da dimensão sexual é fortemente afetada.

O tornar-se responsável não está pronto, é parte de uma construção de vida no próprio seguimento de Jesus e a partir de sua graça. A pessoa torna-se “nova pessoa”, nova criatura em Cristo e nas relações humanas.

7.1.5.

A consciência moral cristã em vista de uma vivência mais humana da dimensão afetivo-sexual

O tema da consciência moral supõe a liberdade e a responsabilidade. É indispensável para a reflexão da ética sexual. Esses elementos se articulam e interdependem para que o ser humano encontre uma forma mais integrada e madura de viver as relações básicas, incluindo sua dimensão sexual.

O tema da consciência foi objeto, ao longo da história, de um grande interesse teórico-especulativo, com uma extensa produção literária desde o século XIV, sobretudo no que diz respeito à sua sistematização no campo da moral e posteriormente com as demais ciências. É um assunto relacionado diretamente ao comportamento humano, associado a uma séria discussão filosófico-teológica marcada pela sensibilidade moral presente de cada época e de cada cultura.

A consciência moral é uma categoria central para a teologia moral, ligada à concepção de liberdade e de eticidade da pessoa humana. No século XX o conceito de “consciência moral” se amplia com colaboração efetiva das ciências antropológicas. Dessas ciências surgem muitos questionamentos, valorizando e integrando melhor a função da consciência para um comportamento humano mais responsável. As ciências, especialmente as biológicas, psicológicas e sociais, intervêm de maneira crítica na noção tradicional e contribuem na sua elucidação.

Além das ciências biológicas, humanas e sociais outras correntes de pensamento enriquecem o conceito de consciência, desempenhando uma função de reconfiguração para uma nova compreensão sobre a consciência moral. Entre estas a corrente personalista proveniente da filosofia moral, a influência do pensamento e da teologia bíblica na área da moral e a palavra decisiva da teologia pós-Conciliar.

O Concílio do Vaticano II pronuncia-se sobre a consciência moral, afirma ser a mesma base para se refletir sobre outros temas ou problemas como a dignidade do homem e a liberdade religiosa.⁶³⁰ Na Constituição *Gaudium et Spes*

⁶³⁰ Cf. idem. *Livres e fiéis*, Vol. I, op. cit., p. 208.

n. 16, verifica-se essa referência expressa à consciência, presente no contexto da dignidade da pessoa humana.

Na complexidade dos conceitos explicitados sobre a consciência está a de ordem moral, na perspectiva da fé ou a consciência teológica, isto é, compreendida e vivida a partir do evento Cristo, que B. Haring denomina de “consciência distintamente cristã.”⁶³¹

A consciência moral na perspectiva da fé na vida do cristão decorre do encontro com Cristo na certeza que esta experiência é libertadora e portadora da verdadeira alegria. Através do encontro, do conhecimento de Jesus Cristo, dom do Espírito Santo, o ser humano é penetrado pelo mistério de seu amor.

Somente através da graça de Deus, se faz a experiência do seu Amor infinito que se revela e “exige” do ser humano, gradualmente, uma decisão de busca e fidelidade ao seu amor e ao próximo. A esperança cristã dá a perceber uma fidelidade e liberdade criativas. Esse caminho faz da consciência uma instância aberta e dinâmica, que acompanha o processo de desenvolvimento humano, que situa a pessoa em uma perspectiva de transcendência. Duas dimensões se harmonizam: a *peçoal*, como juízo interior que determina, para o sujeito da ação, a moralidade da ação, e a *objetiva*, que busca a adequação desse juízo às exigências da verdade.

Nessa afirmação há um ponto de encontro com a compreensão freireana sobre a consciência. Paulo Freire salienta que a pessoa está em contínua e crescente possibilidade de “transitar” em sua consciência de uma condição ingênua para uma consciência mais crítica. Essa transição não se faz de forma idealizada, mas é processual e real, manifestando uma verdadeira transformação pessoal, social, econômica, cultural, acompanhada de um investimento educativo, crítico, dialógico que aos poucos se desenvolve na vida das pessoas, as faz pensar, deliberar e decidir sobre suas vidas na sociedade. Consciência e mundo, para Paulo Freire são realidades concomitantes que se transformam mutuamente.

Com isso garante-se a relevância do processo educacional na vida das pessoas para auxiliá-las na busca de uma maior consciência de si mesmas e de tudo o mais que lhe está relacionado. Para uma vivência mais humanizada e integradora da dimensão afetiva e sexual, faz-se mister trabalhar o processo de

⁶³¹ Ibid., p. 231.

construção de consciência crítica. Muitas dificuldades são evitadas ou resolvidas se a consciência humana encontra espaço para se revelar, se manifestar. Todo homem e mulher tem em si a possibilidade de fazer uso de sua consciência a favor de si mesmos e a serviço da alteridade.

A sexualidade, na sua compreensão e vivência, pode ser profundamente “machucada” ou desviada de seu verdadeiro sentido, se considerada de maneira não refletida. Quando não se reflete, não se pensa acerca das ações e as decorrências ferindo-se profundamente a si mesmo e aos demais. Uma práxis da sexualidade, irrefletida ou irresponsável, é caminho para outros distanciamentos, como o da vocação e da identidade pessoal. A consciência moral e crítica é um instrumento de humanização, canaliza o potencial humano para o amor, para a liberdade, a esperança, a ternura, para a fecundidade e para a concretização da vocação à vida.

A graça de Deus atua sobre os corações e a mediação das relações humanas é grande cooperadora no processo de “encontro” de cada pessoa com si mesma e com o próximo. A práxis educacional encontra grande relevância porque tem a função de ser facilitadora para o aprendizado do “pensar”, auxilia na reflexão alargando os horizontes.

É evidente a necessária conjunção entre a liberdade, a responsabilidade e a consciência como elementos essenciais para o desenvolvimento humano/educacional da pessoa. Amplia e aprofunda sua compreensão de sexualidade levando-a a humanizá-la a partir do amor e do compromisso com a alteridade.

7.2.

A Ética na Práxis Educacional de Paulo Freire: respeito à dignidade da pessoa humana integralmente considerada

Os próximos subitens apresentam a concepção de ética compreendida pelo educador Paulo Freire como indispensáveis no processo ensino-aprendizagem.

7.2.1.

A compreensão de ética universal do ser humano na reflexão educacional de Paulo Freire

Paulo Freire nas obras “*Pedagogia da Autonomia*” e “*Pedagogia da Indignação*” anuncia a promoção e a instauração de uma “ética universal do ser humano”. Condena todo cinismo e denuncia as variadas formas de exploração da pessoa entre outros mecanismos de desumanização. O educador reconhece que a ética é “traída” e negada, por exemplo no comportamento imoral como a hipocrisia da *pureza* que se transforma em *puritanismo*. A ética se vê desafiada e afrontada por uma diversidade de discriminação, entre as quais as de raça, de gênero e de classe. A ética, de caráter universal, pertence a todo homem e mulher e por isso está presente na práxis educativa nas distintas fases da vida humana.⁶³²

Na “*Pedagogia da Indignação*”, Paulo Freire expõe sua insatisfação e denuncia as estruturas poderosas anti-éticas que ferem sem o menor escrúpulo a pessoa e desumanizam a sociedade globalizada reforçando os contextos de exclusão. Refere-se à cruel violência em todas as suas facetas, o desrespeito à vida, aos direitos humanos e à natureza.⁶³³

I. Apoluceno de Oliveira comenta Paulo Freire e recorda o quanto se está mergulhado numa realidade onde a miséria é cada vez mais crescente. A miséria humana abarca conseqüências desumanizadoras, desde a destruição do ecossistema, a redução dos espaços de qualidade de vida; as diversas formas de exploração, violência e discriminação do outro, entre esses os índios, os pobres, as mulheres, os idosos, as crianças, os que necessitam de cuidados especiais, os negros e outras tantas pessoas em situações de injustiça aprisionadas por um sistema de impunidades favorecedor da exclusão social.⁶³⁴

Paulo Freire é incisivo ao criticar as sociedades regidas por um discurso moral individualista, que privilegia o “lucro” ao invés das necessidades da pessoa. É uma das denúncias assumidas pela ética cristã, que o educador toma para si, rejeitando as intervenções “moralistas” que apregoam muito mais o “ter” no lugar do “ser sujeito”, muita falácia sem que haja de verdade a transformação. A ética universal do ser humano, defendida por Paulo Freire, encontra seu princípio

⁶³² Cf. FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 16.

⁶³³ Cf. idem. *Pedagogia da Indignação*, op. cit., p. 117-118.

⁶³⁴ Cf. APOLUCENO DE OLIVEIRA, I. *Leituras Freireanas*, op. cit., p. 43.

fundamental na vida e em proporcionar ao ser humano os direitos a uma vida digna e com liberdade.⁶³⁵ Tudo o que é contrário ao princípio fundamental da vida do ser humano que deve levá-lo na sua inconclusão a “ser mais”, segundo o educador, é imoral. A imoralidade nega à pessoa a possibilidade que seus atos sejam morais e políticos, nega-lhe ser “sujeito” da história. A imoralidade relaciona-se aos mecanismos de dominação econômica e sexual, ao racismo e a violência dos mais poderosos sobre os mais fracos e vulneráveis.

A ética universal da pessoa é inseparável do processo educacional, pois a ação do educador deve ser ética em vista da responsabilidade que possui em relação à pessoa do outro na sua integralidade, respeitando-o nas suas diferenças, nos valores que apresenta, numa profunda relação dialógica e solidária. Também os educadores precisam ser respeitados em seus direitos e dignidade, recebendo o apoio necessário para o exercício de suas funções, inclusive condições e meios adequados para realizarem o processo educacional.

Somente os seres humanos, homens e mulheres, seres de abertura e relacionais são capazes de levar adiante um projeto ético, realizando a complexa tarefa de transformação do meio onde vivem e da sociedade em sua extensão. Muitos homens e mulheres passam pelo mundo “inconscientes” de que estão no mundo e do “poder” que possuem, como capacidade e dom para mudar as situações. Ignoram, a si mesmos e aos outros. A lucidez, sobre o fato da existência, do dom de existir é o “passaporte” para o rompimento das aderências que prendem os seres humanos em estagnações e em imobilidades. “Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se.”⁶³⁶

A educação envolve o educador e os educandos numa convivência dialógica/amorosa comprometida com uma solidariedade histórica, na qual esses são provocados e estimulados a participar da construção do próprio conhecimento privilegiando a ética em todas as suas ações.

A educação freireana, influenciada a partir da fé cristã que o educador assume para si, anuncia modelos de justiça e humanização, evita as incoerências, por isso torna-se ética através das construções, na colaboração de um “pensar novo” que motiva o sujeito para um agir repensado e diferenciado.

⁶³⁵ Cf. *ibid.*, p. 45.

⁶³⁶ FREIRE, P. *Ação Cultural para a Liberdade*, op. cit., p. 66.

Esse processo de um “novo pensar” supõe o preparo científico/técnico do educador e da educadora alicerçados por uma retidão ética.⁶³⁷ O aspecto ético, em nenhum momento deixa de lado o rigor científico e metodológico no ensino, mas reforça que os educadores devem ser orientados a estabelecer relações mais humanas e, portanto, mais próximas de seus educandos para desmitologizar a figura do professor/educador que tem “posse da verdade” a ser ensinada e que, por sua vez, deve ser aprendida sem questionamentos, muitas vezes apresentada com um tom “moralista”.

O “medo” e a insegurança por parte do educador ao perceber que não sabe tudo, até mesmo porque esse sujeito não existe, desaparece gradativamente e o leva a assumir a posição de aprendiz, apresentando-se de forma mais verdadeira e eficaz.

Como exigência ética para a eficácia da formação está o empenho para a sedimentação da autonomia da pessoa. Isso inclui a educação da “vontade” e dos atos voluntários que pertencem à área da opção, da decisão, do querer livre, do discernimento, do estar determinado a obter algo, devendo ser ordenado pelo aspecto ético. Autodeterminação e decisão são atos que marcam a história humana pessoal e comunitária e não devem ser descartados do processo de aprendizagem voltado para a emancipação e para a libertação da pessoa.

Sobre os aspectos que englobam a dimensão sexual, esses dados relacionados à vontade e ao uso coerente da liberdade são fundamentais, pois a pessoa pode escolher e fazer valer o que realmente humaniza, é capaz de optar pelo amor e não ao egoísmo, a vida e não a morte. Busca integrar a vivência afetivo-sexual com maturidade e em movimento em direção ao outro.

Influenciada pela ética cristã, a eticidade na educação freireana colabora ao levar a pessoa a perceber-se como um ser de decisão e de escolha e, por isso como um ser ético.

Reiteramos com essa afirmação que a redução da experiência educativa em mero treinamento técnico de memorização dos conteúdos ou de apenas oferta de informação não convém que seja estimulada. A educação no seu caráter formador é mais abrangente do que a oferta de informação. Também não se deve admitir e reconhecer como prática educativa qualquer coerção ou ameaça através da

⁶³⁷ Cf. idem. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 16.

imposição de medos e proibições. Quanto à educação afetiva e sexual isso é mais relevante; e o quanto se pode errar e tem-se errado ao impor proibições e culpas ao invés de se levar as pessoas ao exercício de busca de autonomia para que assumam as suas responsabilidades e as conseqüências de suas escolhas.

Desacreditar na capacidade do outro em assumir para si o que lhe pertence ou subestimá-lo através da negação ou da negligência no ato de educar é desumano. O educando é impedido de ir além. Esse posicionamento se repete em determinados setores da sociedade brasileira, em alguns espaços escolares e pastorais.

Paulo Freire defende como postura ética a exigência do discurso corporeizado com palavras acompanhadas de expressividade corporal. O corpo revela quem é a pessoa, como está e como se sente. Ao portar-se diante do outro e de seu entorno a pessoa é sexuada. A corporeidade é associada ao *pensar certo* que produz o *fazer certo* e essa máxima se realiza através do testemunho de quem se expressa, de quem busca uma acertada argumentação, que sustenta com uma postura ética; sua fala e seu comportamento permitindo que a pessoa atue numa posição com calma, tranquila e sem alimentar qualquer tipo de discriminação.

O educador/formador deverá dar testemunho de que é possível unir o conteúdo que propõe em sua formação ética com a de seus educandos. Como educador é chamado a lidar com sua autoridade e, ao mesmo tempo com a autonomia e autoridade em construção pelos educandos; com a sua liberdade que convive respeitosamente com as demais liberdades a fim de auxiliá-los a superar a própria ignorância devendo, *a priori*, superar a sua própria insuficiência, pois não poderá ensinar o que não sabe e, sobretudo, o que não vive. E a educação da dimensão afetivo-sexual só é possível de ser realizada por quem se percebe inacabado e desejoso de “trabalhar-se”, elaborando e integrando em seu processo de maturidade, os afetos, as emoções, os sentimentos, os desejos, as sensações e a sexualidade na sua integralidade.

7.2.1.1.

O “ato de perguntar” e o “correr riscos”: elementos indispensáveis para a educação freireana

Paulo Freire elabora outras categorias como o “ato de perguntar” e o “correr riscos”. Esses elementos relacionam-se ao “pensar certo”.⁶³⁸

Faz parte do programa educacional, que tenha como escopo a vertente da autonomia, o compromisso de educar a pensar certo, associado aos conteúdos previstos para o ensino. Criam-se condições para que as perguntas sejam feitas e surjam riscos inerentes às questões e às mudanças do processo. “Ensinar a pensar certo é algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho (...) é um ato comunicante.”⁶³⁹ O pensar certo faz parte de um posicionamento crítico e ao mesmo tempo aponta para sinais de esperança diante das pessoas e do futuro, pois impede que a pessoa se feche diante das estruturas desumanizadoras. Pensar certo, com esperança é acreditar que a humanização é algo possível devendo ser um investimento a ser abraçado pelos educadores em qualquer lugar que se encontrem.

Essas categorias de Paulo Freire estabelecem condições para pensar o “novo” e encontra relevância neste estudo sobre a educação da sexualidade. Pensar o novo – que é o “pensar certo” leva à co-participação; não se dá isoladamente, mas faz-se num espaço dialogal onde estão interligados o respeito, a liberdade, a responsabilidade e a inteligibilidade como comunicação. É comum ao educador que pensa certo “desafiar” ou incentivar o educando a produzir uma compreensão do que está sendo comunicado. Ao invés de transferir, depositar, oferecer ou mesmo doar ao educando, nesse caso tratado como paciente, a inteligibilidade dos conteúdos e dos conceitos, o pensar certo proporciona a condição de autonomia no aprendizado gerado na valorização da inteligência e, portanto, da pessoa que aprende. Assim, o educando vai superando o saber ingênuo em comunhão com o educador/formador. A curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, torna-se crítica construindo novos espaços, novos saberes e pessoas melhores.

Decorre do pensar certo o “ato de perguntar”. A pergunta é um motor propulsor da curiosidade, da criatividade e só é capaz de transformar quem pensa,

⁶³⁸ A categoria freireana - “pensar certo” foi abordada no capítulo sexto desta tese.

⁶³⁹ FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 37.

quem reflete e quem pergunta sobre o que reflete. As perguntas fazem parte do universo do inconclusão. Lamenta-se profundamente um educador, um líder, uma pastoral que não permitem ou não abram espaços para as perguntas, ou antecipam-se à pergunta respondendo ao que não foi permitido perguntar, isto é, assumem a “pedagogia da resposta”, do *saber tudo* o tempo todo com a palavra final. Grande equívoco porque só há crescimento quando se questiona. Ao perguntar sobre qualquer coisa que interesse, mobilize e movimente, os sinais claros de amadurecimento podem surgir. Quando a problematização é incentivada através da elaboração da pergunta, o educador e o educando crescem.

Mas nem sempre acontece dessa forma, as perguntas à vezes são mal recebidas por parte de “educadores” despreparados, inseguros, autoritários, arrogantes etc. São recebidas como verdadeiras ameaças aos cargos, ao poder, às falsas seguranças.

Na área da sexualidade é muito grave e sintomático, ou se coíbe o pensamento para se evitar os assuntos polêmicos ou se responde com moralismos, estereotipando as questões com “pseudo-santificações” ou com exageros relacionados ao pecado. Sinais da permanência do dualismo no processo educativo.

O “correr riscos” é uma probabilidade no ato de perguntar. Precisa ser aceito durante o processo educativo. Mudar não significa abandonar os paradigmas antigos, pois o “antigo” preservado em sua validade traz uma tradição importante para a construção de um tempo novo. A prática discriminatória nega veementemente a igualdade e encontra-se num plano antagônico a prática educativa voltada para a autonomia do sujeito que está sempre disposta a criar o novo. Há medo de arriscar, medo de enfrentar os riscos, medo do novo, da criatividade, de pensar a sexualidade humana como ela foi criada por Deus, como um Dom de abertura, de liberdade e de amor. É preferível “manter” o controle inculcando as culpas, neuroses, verdadeiras distorções com mecanismos “pecadofóbicos”. Ninguém cresce sem correr riscos, pois os limites, o esforço, o “risco” faz amadurecer se for bem orientado e bem conduzido.

O Evangelho, a vida e a práxis de Jesus Cristo, é marcado por riscos. Correr riscos é livrar-se das redes do comodismo, das afonias, do silêncio cúmplice da desumanização. Discutir sobre a sexualidade, ouvir sobre a sexualidade é um

primeiro passo para a humanização da mesma, para que encontre o seu devido lugar na vida das pessoas.

Alguns assuntos encontram resistência na sociedade contemporânea. Muitos assumem o “correr riscos” ao enfrentarem questões como a miséria e a exclusão social, as estruturas desumanas, a violência contra as mulheres e crianças e a sexualidade. Os assuntos referentes à dimensão sexual são difíceis, mascarados por tabus, marcados pelos preconceitos, silenciados ou deformados.

O ato de perguntar e o correr riscos articulam-se, como categorias colaboradoras na construção das relações humanas de forma mais humanizada e autônoma. Valoriza-se essas categorias como indispensáveis no processo pedagógico, para integrar e amadurecer a pessoa em sua dimensão afetiva e sexual.

7.2.1.2.

Ensinar pressupõe respeito à autonomia, à autoridade, e o bom senso em vista da dignidade da pessoa

Frequentemente há o equívoco no emprego da palavra *autonomia*. Paulo Freire insiste sobre uma prática pedagógica que possibilite o desenvolvimento de estruturação da autonomia da pessoa. Educação para a Autonomia é um princípio basilar para a construção de relações mais dignas e respeitadas.

A cultura e a sociedade tornam mulheres e homens, pessoas dependentes e condicionadas. Para ser “autônomo” o sujeito precisa acolher a sua condição de dependência assumindo-se como ser finito. Somente a partir dessa aceitação a liberdade pode direcionar a pessoa em suas escolhas permitindo que se torne o que deve ser e permita ao outro ser outro. Por isso Paulo Freire relaciona a autonomia à solidariedade e à comunidade, por não ser um processo solitário e de isolamento.

Paulo Freire aponta ainda para os equívocos entre a *autoridade* e o *autoritarismo* e entre a *licença* e a *liberdade*. O educador, no exercício de sua autoridade, diferente do autoritarismo, delimita a liberdade para que seja educada. Se a liberdade não é vivida de maneira refletida e mais consciente pode se transformar em licença ou licenciosidade. A autoridade erroneamente pode ser confundida com autoritarismo, condição que nega totalmente a dignidade e a liberdade do outro, além de inviabilizar o sistema educacional e uma práxis

pastoral na alegria e na esperança. Do autoritarismo salta-se ao legalismo e ao moralismo, comportamentos intervencionistas fortemente rejeitados pelo educador Paulo Freire.

O *bom senso* na prática educativa que se queira chamar eficaz, é dimensão exigida e sobre ele se deve ter uma constante vigilância. Muitas vezes, uma vigilância sobre a própria conduta pode evitar extremismos que, fazendo valer um determinado valor, acaba causando “danos” ao educando ou mesmo à didática pretendida.

O bom senso orienta o educador para uma coerência na sua prática educativa e o coloca mais atento ao desenvolvimento de qualidades e virtudes que autenticam o seu saber. No âmbito do bom senso, são inúmeras as tarefas que se apresentam diante da função de ajudar a formar seres humanos, principalmente os que se encontram em situação de opressão e marginalização. É o bom senso, por exemplo, que interpela os educadores comprometidos com a prática educativa a não se afastarem das condições socioculturais e econômicas de seus educandos. O bom senso leva o educador a considerar o conhecimento e as experiências de seus educandos; exige uma rigorosa e permanente avaliação do fazer pedagógico por parte dos educadores, que nesse exercício de autocrítica aprimoram e aprofundam sua vocação.

A construção das virtudes necessárias à prática docente, como entende Paulo Freire não se recebe geneticamente e nem se encomenda ou se encontra à venda em algum balcão de universidade, “mas se constrói pelos educadores no esforço que se impõem para diminuir a distância entre o que dizem e o que fazem.”⁶⁴⁰ Como falar aos educandos de respeito à dignidade, se o educador, ele mesmo, ironiza-os? Como esperar deles respeito e honestidade na relação, se os educadores desrespeitam os educandos considerando-os indignos? Como ajudar a construir um conhecimento que seja transformador e libertador, se o educador não testemunhar o compromisso com essa situação? O bom senso ajuda numa postura ética fundamental na formação do educador e no pensar e/ou repensar sua práxis. *O testemunho é mais formador que muitos discursos desvinculados da realidade.*⁶⁴¹

⁶⁴⁰ Ibid., p. 65

⁶⁴¹ Grifo nosso.

O bom senso do educador/formador coabita com a alegria e a esperança, com o entusiasmo de fazer a experiência de uma partilha madura e eficaz que vai acontecendo no processo de educar.

Sob a primazia da autonomia, o ser ético prevalece e acredita-se que a educação, em sua essência, direta e política, não deve ser “castradora” de projetos e de sonhos, mas deve respeitar e conduzir os educandos para a concretização dos mesmos, se esse for de fato o caminho. Paulo Freire acrescenta que:

Respeitar os educandos, porém, não significa mentir a eles sobre seus sonhos, dizer-lhes com palavras e gestos ou práticas que o espaço da escola é o lugar “sagrado” onde apenas se estuda e estudar não tem nada que ver com o que se passa no mundo lá fora; esconder deles minhas opções, como se fosse “pecado” preferir, optar, romper, decidir, sonhar. Respeitá-los significa, de um lado, testemunhar a eles a minha escolha, defendendo-a; de outro, mostrar-lhes outras possibilidades de opção (...) ⁶⁴²

O dever ético do educador sintetiza-se no respeito às diferenças de idéias e de posições, enfrenta questões antagônicas com seriedade e paixão. Ensinar a aprender, com ética, arte e respeito só é válido a partir do momento que os educadores aprendem a aprender e partilham com seus educandos esse processo que tem validade para toda a vida.

A educação para o amor, a educação da dimensão afetivo-sexual exige do educador abertura de espaços para a busca da autonomia pelo educando, implica em bom senso e sensibilidade para perceber o que está além das palavras, o que está sendo “comunicado” através do silêncio, dos afetos e desafetos, das emoções, e de outras manifestações que se revelam no cotidiano, na convivência entre educadores e educandos. Alia-se à sabedoria, ao falar e ao calar na hora certa, colabora com o conhecimento através da partilha de experiências, na troca de idéias, de como fazê-las e em que momento realizá-las.

Reveste-se de grande importância uma pastoral comprometida, como comunidade integradora, para auxiliar o outro a crescer, a “ser mais”, encontrar o fio condutor para sua autonomia através de suas escolhas, refletindo sobre as mesmas e responsabilizando-se pelos resultados. A fé cristã, ao anunciar a libertação em Jesus Cristo, apresenta o Caminho para a autonomia e libertação do homem e da mulher das cadeias que os aprisionam e os tornam reféns das estruturas desumanas.

⁶⁴² Idem. *Pedagogia da Esperança*, op. cit., p. 78.

7.2.2.

A relacionalidade entre o educador e o educando: elemento fundamental para uma Educação Dialógica e Libertadora

Outro princípio ético imprescindível para o processo ensino-aprendizagem é o estabelecimento da relacionalidade dialógica e respeitosa entre os educadores e os educandos. Parece simples e óbvio, mas nem sempre o é. Requer colaboração e esforço das partes. Qualquer relação interpessoal, de qualquer natureza impõe “tensões”, por exemplo, entre pais e filhos, superiores e subordinados, empregados e patrão, homem e mulher etc. Ambos, na relação, são movidos por objetivos e desafios ao mesmo tempo que buscam a realização dos projetos pessoais empreendidos. Para Paulo Freire, há uma estreita associação entre o mestre e o exercício da paternidade, isto é, estabelece-se a necessária relação dialética, de autoridade e ternura, de limite e proteção, de proximidade e distância.

O educador consciente de sua missão “chama à existência”, como um “parteiro”. Porém o caminho do aprendizado em seu maior momento realiza-se com uma “moldura”, isto é, dentro de uma instituição, o que não é rejeitado. Paulo Freire quer tornar predominante o sentido da maestria sobre as finalidades necessárias da institucionalização. Trata-se da filosofia do processo, sendo o educador aquele que ensina e aprende, sem perder sua autoridade de professor; constituindo-se, em mestre e modelo para quem o acompanha. Assim, não é propriamente o saber que atrai ou fascina, embora seja necessário, mas o testemunho mais consistente, existencial e necessário.

Essa afirmação reforça que a verdadeira relação entre o educador e o educando é um encontro singular de pessoa a pessoa, na reciprocidade, com sensibilidade, não isenta de exposição, pois o educador ao expor seu conteúdo e experiência torna-se também uma pessoa que se expõe ao outro demandando respeito e acolhimento. Essa relacionalidade estabelecida principalmente pela palavra é acrescida de um sentido próprio, encarna-se cada vez mais. A linguagem supera a palavra, o olhar e o afeto comunicam mais do que as palavras são capazes de dizer.

Deve-se isso ao fato de que o outro é mistério e ao falar e se comunicar expõe-se ao outro – mistério ao mistério. Corre-se os riscos dessa exposição, risco de não ser compreendido, não ser aceito, não ser entendido, de ser contestado, ser criticado, ser humilhado e rejeitado. Riscos inerentes a quem realmente deseja

estabelecer uma relação de construção mútua, de amadurecimento e transformação.

A relação entre o educador e o educando se estabelece através do diálogo. Uma educação consistente toma como fundamentos, além da técnica e do aperfeiçoamento contínuos, a dinâmica do diálogo, na qual os sujeitos envolvidos se defrontam, independentemente do fator institucional.

A esse aspecto da relacionalidade necessária ao comportamento ético, que faz parte da educação de Paulo Freire acrescenta-se o *compromisso* que o profissional da educação assume diante dele mesmo, do educando e da sociedade. No âmbito pastoral dá-se da mesma forma, pois a missão do educador na pastoral pressupõe compromisso e envolvimento. O educador/formador, comprometido, é alguém disponível para iniciar e dar continuidade ao processo educacional. A reflexão e o aprendizado não é algo simples e nem acontece de uma hora para a outra.

Esse compromisso, como uma das estratégias de humanização da pessoa, torna-a responsável pelo mundo onde vive. Negar o envolvimento responsável com o outro é ferir a existência humana. O comprometimento, o envolvimento responsável e maduro impede a neutralidade ou a frieza diante dos problemas, dos dramas e “dores” humanas, impede ou minimiza a indiferença acerca dos valores, da história das necessidades de solidariedade suprimindo a falta de amor e a desumanização.⁶⁴³ Isso se aplica ao contexto de uma educação no amor e para o amor, pois amar é compromisso e concretude. Educar a dimensão afetivo-sexual é um longo investimento, trabalhoso, árduo, nem sempre incentivado, mas é libertador, integra e humaniza, abre para a vida em sua plenitude.

A alteridade é valor para a relacionalidade entre o educador e o educando. Ética e alteridade são dois conceitos com várias interfaces comuns identificadas no pensamento de Paulo Freire. Alteridade refere-se ao rosto, ao corpo dos oprimidos, dos excluídos e mal tratados pela negação da dignidade e inacessibilidade à justiça e ao amor. Negar ao outro os seus direitos é lhe ferir pelo egoísmo e desamor. A alteridade tem face, tem rosto, mas não encontra eco, não consegue se fazer ouvir na voz dos pobres, marginalizados, mulheres violentadas e injustiçadas, crianças destinadas à indigência e aos maus tratos,

⁶⁴³ Cf. FREIRE, P. *Educação e mudança*, op. cit., p. 17-25 e ainda sobre o assunto “compromisso” sugere-se a leitura in: idem. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 96-98.

estrangeiros discriminados, homossexuais vulneráveis aos comportamentos homofóbicos doentios de uma sociedade hipócrita e intolerante, enfim, de todas as inaceitáveis condições de injustiça que contraria o Evangelho de Jesus Cristo, contraria o “Coração” do Deus de Jesus Cristo: o *Abba*.

A educação para o amor, para melhor vivência dos aspectos afetivo-sexuais da pessoa, é processo ético engajado com as transformações necessárias da sociedade. Uma educação que não atenda à demanda humano-social, não respeita e nem valoriza a alteridade em sua singularidade não pode ser considerada como educação. A educação que não humaniza fica distante desse projeto universal.

7.3.

A necessidade da formação continuada para a dimensão afetivo-sexual da pessoa inserida na pastoral

7.3.1.

A formação continuada: Documentos de Aparecida e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010 (CNBB)

A necessidade da formação continuada é apresentada através de dois documentos atuais importantes da Igreja na América Latina e no Brasil, as *Conclusões da V Conferência Latino-Americana e Caribenha* e as orientações da CNBB - *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (2008-2010), que responde à Conferência em Aparecida.⁶⁴⁴

A Igreja orienta que se faça um investimento sério por uma formação continuada e integral das pessoas, ou conforme o Documento de Aparecida, dos *discípulos missionários*. A indicação dos documentos para uma educação continuada encontra pertinência para o desenvolvimento desse trabalho de uma proposta metodológica de educação continuada para a dimensão afetivo-sexual da pessoa na pastoral.

O Documento de Aparecida defende uma formação eficaz para os discípulos missionários apresentando os aspectos principais desse processo educacional, fundamentados na Pessoa de Jesus Cristo, que ao convidar seus discípulos para o seguirem, ofereceu-lhes o Caminho do discipulado, tornando-os pessoas melhores e mais livres. Jesus apresenta um novo estilo que se torna modelo para os “formadores e adquire especial relevância quando pensamos na tarefa formativa

⁶⁴⁴ Cf. CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora na Igreja no Brasil (DGAE)*. 2008-2010. Documentos da CNBB 87. São Paulo, 2008, n. 98, p. 80.

que a Igreja deve empreender no novo contexto sociocultural da América Latina.⁶⁴⁵

O Documento apresenta *cinco aspectos* centrais para a educação/formação dos discípulos missionários: o *Encontro com Jesus Cristo*, com uma escuta sincera e sensível ao chamado “*Segue-me*” (cf. Mc 1,14; Mt 9,9); a *Conversão*, como resposta inicial de quem escutou a voz do Senhor e sente-se fortemente atraído pela força de Seu Espírito, que tudo move e transforma; o *Discipulado*, importante no itinerário do amadurecimento, de amor e do seguimento para a concretização do *sim* que deve ser dado a Deus e ao próximo; a *Comunhão*, que se concretiza na vida da comunidade, podendo ser a família, a paróquia, as comunidades de vida consagrada, as comunidades de base e outras mais; e a *Missão*, inseparável do discipulado e concomitante à formação, como sinal de maturidade humana que vai se construindo e constituindo na pessoa.⁶⁴⁶

Definidos esses aspectos, o Documento apresenta alguns *critérios gerais* para a concretização da formação integradora e continuada da pessoa nas suas diversas dimensões como: *Humana e Comunitária, Espiritual, Intelectual e Pastoral-Missionária*.

Nesses critérios gerais apresentam-se dois elementos: o primeiro de uma educação atenta, respeitosa e sensível, ao processo particular empreendido por cada pessoa com métodos utilizados de maneira adequada. Esse elemento exige que as equipes de formação estejam melhores preparadas para assegurar a eficácia do processo educacional e acompanhe os educandos de forma dinâmica e aberta. O segundo elemento está presente na necessidade de se conduzir e “assessorar” com capacidade e critérios bem articulados todas as pessoas envolvidas no contexto da educação, incluindo os educadores e sobretudo os educandos.⁶⁴⁷

A CNBB, em comunhão e em resposta ao que é proposto pela V Conferência em Aparecida, reafirma que a formação permanente e integral é indispensável para que os leigos e as leigas encontrem a sua própria vocação e assumam a missão para as quais foram chamados por Deus. Entende que a Igreja particular tem prioridades e esse processo educacional é um dever e um direito a

⁶⁴⁵ V CELAM. *DA*, op. cit., n. 276, p. 128.

⁶⁴⁶ Cf. *ibid.*, n. 278, p. 129-130 e cf. CNBB. *DGAE* (2008-2010), n. 92, p. 76-77.

⁶⁴⁷ Cf. V CELAM. *DA*, n. 279-282, p. 130-133.

ser cumprido. Faz parte de um projeto orgânico de formação cuja responsabilidade pertence a cada diocese em comunhão com toda a Igreja.

Nas atuais situações da sociedade, pluralista e secularizada, a opção pela formação continuada dos membros da comunidade eclesial é prioridade exigindo o máximo empenho em vista dos investimentos humanos e metodológicos para que a formação seja viável e eficiente atingindo a sua finalidade.

A Igreja no Brasil apresenta quatro eixos pastorais aplicáveis em todos os itinerários formativos, inclusive aos objetivos desse trabalho: a experiência de fé no *encontro com Jesus Cristo Vivo*; a *vivência comunitária* propiciadora de acolhimento fraterno, valorização da pessoa, de forma inclusiva visibilizando o engajamento; a *formação bíblico-doutrinária*, proporcionando o conhecimento da Palavra de Deus e o amadurecimento espiritual e o *compromisso missionário*, voltado para os católicos mais distantes e para os denominados como “não-praticantes”.⁶⁴⁸

No diálogo entre esse conteúdo de evangelização com a proposta de Paulo Freire, na *Pedagogia da Indignação*, o educador afirma que a inserção no mundo, realizada mais intensamente por uma educação libertadora, é no fundo, o exercício de vocação humana para as mudanças necessárias. De forma efetiva o ser humano intervém no mundo, revela-se como “ser pessoa”, como *projeto e sujeito de mudanças*. Nesse itinerário a pessoa coloca a sua curiosidade a serviço das mudanças, como ser de busca que se compreende inconclusa auxiliando a história dando sinais de esperança, de solidariedade através das intervenções realizadas por suas mãos humanas.

7.3.2.

Pastoral integradora e humanizadora: lugar privilegiado para a formação continuada de leigos e leigas

Segundo os documentos de Aparecida e a DGAE 2008-2010, a formação acontece através da Igreja e na Igreja, numa contínua e recíproca comunhão e colaboração de todos os seus membros.

Em muitas situações, no contexto pastoral, há projetos eficazes, mas nem sempre encontram o respaldo e apoio de pessoas capacitadas ou especializadas nos assuntos relacionados à sexualidade humana e com as “metodologias”

⁶⁴⁸ Cf. CNBB. DGAE (2008-2010), op. cit., n. 93, p. 77-78.

adequadas que viabilizem a execução dos mesmos. Há outras deficiências que precisam ser supridas, como a necessidade de pessoas preparadas no assunto, em condições psico-afetivas favoráveis, comprometidas e perseverantes para a garantia da continuidade dos projetos e dos investimentos iniciados.

O trabalho da educação é contínuo e busca atender a pessoa em todas as suas situações de vida, idade, estados de vida e necessidades. A primeira pessoa a ser formada pela Pastoral é o próprio “educador pastoral”⁶⁴⁹ pois sobre o mesmo está uma imensa responsabilidade no exercício da missão que lhe é confiada e que generosamente procura corresponder. O educador não deve esquecer que suas atividades, suas funções são assistidas e iluminadas pela Graça de Deus, através do Dom do seu Espírito e que nada faz sozinho, deve realizar suas tarefas em comunidade e comunidade de amor, segundo o Papa Bento XVI.⁶⁵⁰

No âmbito da formação da pessoa, em sua dimensão afetivo-sexual, muitas questões de conotação antropológica e ética podem ser esclarecidas. Os desencontros são evitados se, precocemente, os investimentos para uma formação continuada acontece junto às crianças, aos adolescentes, aos jovens e aos adultos. Essa jornada inicia-se com os formadores, primeiros sujeitos a serem incluídos ativamente no processo de educação continuada, sobre os temas relacionados à afetividade, à sexualidade e outros da mesma forma complexos.

Identifica-se que a oferta pastoral para a educação da pessoa na sua dimensão sexual é muito deficitária, carente de material, de subsídios e principalmente de pessoas melhor preparadas e mais integradas para oferecerem ajuda sem forçar posturas moralistas ou condutas neurotizantes etc. O “redil” parece “confuso”, permeado por dificuldades relacionadas aos tabus, aos preconceitos, à desvalorização da corporeidade, da sexualidade e da afetividade, preso ainda aos “ranços” do passado dualista e amedrontado pelos riscos contínuos do pecado.

Entre os “educadores pastorais” merece atenção especial a educação destinada aos religiosos, às religiosas, aos seminaristas e clérigos, particularmente na área da formação teológica e humana para que tenham melhores condições e mais tranquilidade no serviço ministerial e no atendimento pastoral. O contingente de pessoas que buscam o apoio, a palavra da Igreja é enorme, aumentando a

⁶⁴⁹ Expressão aplicada pela autora desta pesquisa.

⁶⁵⁰ Cf. BENTO XVI. *DCE*, op. cit., n. 19s, p. 27s.

responsabilidade desses educadores. Apesar da crise que atinge as instituições afetando sua credibilidade há uma significativa parcela de pessoas que procuram aconselhamentos, o Sacramento da Penitência e outros meios de formação na Igreja.

Admite-se que esta educação nem sempre é proporcionada satisfatoriamente e de maneira adequada mas reconhece-se que parcela importante de Congregações e Institutos Religiosos de Vida Consagrada e Leiga, além de muitos Seminários tem investido na formação de seus membros, na formação teológico-pastoral e humana. O importante é reiterar que o educador é também e para toda a vida um educando.

O eixo da dinâmica de aprendizado é o discipulado. Precisa-se aprender a aprender; aprender a pensar e a conhecer; aprender a fazer; aprender a ser; aprender a ouvir; aprender a ver; aprender a conviver com os outros, aprender a aceitar e a conviver com o diferente; aprender a continuar aprendendo.⁶⁵¹ A pastoral é um desses lugares privilegiados onde a “pedagogia da pergunta” deve ser exercida porque a “pedagogia da resposta pronta”, da educação bancária, não tem correspondido às expectativas de quem a procura. Essa constatação é mais evidente nos assuntos relacionados à ética sexual.

A comunidade deve ser o “porto seguro”, o lugar do encontro, da descoberta de si mesmo e do outro, o lugar do seguimento de Cristo e seu discipulado. Deve ser o lugar onde se expõem as angústias e questionamentos sem medos; deve ser o ambiente propício para o aprendizado do “ser mais”, encontrando as possibilidades e meios para exercer melhor o “ser mais humano”. Não é utopia, é o desejo de todo batizado, é a proposta do Evangelho de Jesus Cristo, por isso se acredita que é possível caminhar para isso, com lucidez, coragem e ousadias proféticas, perseverança e humildade.

7.3.3.

A Formação Continuada do “educador pastoral” para a educação da dimensão afetivo-sexual

Faz parte da missão do “educador pastoral” auxiliar as pessoas a tomarem decisões, ajudando-as na transição gradual de uma consciência ingênua para uma

⁶⁵¹ Cf. LIBÂNIO, J. B. *A arte de formar-se*. São Paulo: Loyola, 2001.

consciência crítica e libertadora numa verdadeira construção de autonomia. Isso é possível se o educador estiver, por excelência, comprometido com o anúncio de Jesus Cristo, com a doutrina católica, com a vida e a história de seus semelhantes e no exercício de sua missão sem impor fardos ou impressões moralistas. O anúncio acontece a partir da sua experiência de fé e salvação, em celebração, deixando claro o respeito pela liberdade e pela responsabilidade que cada um possui para dar suas próprias respostas diante do chamado e ensinamentos recebidos.

Os leigos e as leigas, “educadores pastorais”, vocacionados a uma missão particular na vida da Igreja, continuam através de um longo processo de conscientização e compreensão, percebendo o seu real e indispensável valor para a evangelização e para a formação, servindo à Comunidade Eclesial e à sociedade.⁶⁵² A Missão conferida pelo batismo numa atitude profética leva à pessoa a denunciar as estruturas degradantes de opressão/manipulação e a anunciar a Esperança e a Vida em plenitude – que é Cristo Jesus, através da práxis libertadora do amor.

Sobre a dimensão afetivo-sexual as interferências da chamada “cultura de morte” que massificam e alienam a pessoa são graves. Os apelos que velam a consciência das pessoas são muito poderosos, na sua maioria, privando-as da possibilidade de encontro com a própria beleza de sua sexualidade e de uma vivência mais integrada de seus afetos.⁶⁵³ Urge uma presença amorosa e firme dos leigos e das leigas na vida das pessoas e na sociedade, presença fundamental para a renovação teológico/pastoral e para uma práxis mais eficaz e efetiva.

Particularmente a juventude é alvo recorrente das banalizações e da instrumentalização perversa dos mecanismos de alienação que se beneficiam de sua fragilidade e ímpeto nos aspectos afetivo-sexuais. A Igreja, através de seus membros, busca em comunhão e com ousadia profética, corresponder ao apelo de uma educação necessária. A formação sempre aconteceu na vida da Igreja, mas busca-se de uma formação mais adequada aos “sinais dos tempos” (cf. GS 1).

São muitos e diversos os lugares e as situações necessitadas de uma evangelização efetiva e eficaz. Verdadeiramente todo cristão é chamado a ser sal

⁶⁵² Cf. a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), n. 31. In: VIER, F.F. CV II, op. cit., e JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christifideles laici* (CL). 10 ed. São Paulo: Paulinas, 2001, n. 9, p. 23-25.

⁶⁵³ No capítulo segundo desta tese este assunto foi tratado.

da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-14), no meio de muitos desafios e situações limite.

O alargamento da consciência e as mudanças mais profundas acontecem gradualmente. Nesse contexto a sexualidade e a afetividade são beneficiadas, e muito, durante o processo de libertação/humanização.

Tem-se ciência que grande parte do êxito da nova evangelização e da pastoral depende da maneira como o educador pastoral se aproxima do coração das pessoas, como as escuta e percebe suas inquietações. São fatores antropológicos: a pessoa humana deve ser acolhida e assumida no que é, na sua integralidade, com seus anseios, suas ambiguidades, seus projetos e limites, em sua realidade existencial, no seu contexto sociocultural e em outras situações que a envolva por mais dramáticas e diferentes que pareçam. O Evangelho é inclusão e acolhimento incondicionais.

A CNBB reforça essa dimensão antropológica da integralidade da pessoa humana e salienta o indispensável acolhimento de todos, sem exceção, especialmente dos que mais sofrem por algum tipo de exclusão, e os que sofrem com os dramas de ordem sexual – estes mais do que nunca devem constituir a preocupação da comunidade eclesial que é sinal do Reino de Deus.⁶⁵⁴

Conscientes da necessidade de uma pastoral renovada e libertadora, este trabalho apresenta o que considera imprescindível como perfil para o “educador pastoral” a partir da perspectiva freireana, através de algumas matrizes de sua prática educacional em conformidade com a ética Cristã.

7.3.4. Matrizes Freireanas para a formação continuada do “educador pastoral”

As matrizes da práxis educacional de Paulo Freire colaboram para uma eficaz Educação Continuada a ser oferecida na Pastoral. Para fins didáticos, as matrizes são organizadas e apresentadas em três blocos, em vista da elaboração da proposta metodológica que consiste em uma *práxis educacional da dimensão sexual da pessoa capaz de ser compreendida e vivida através de uma educação para o amor.*

⁶⁵⁴ Cf. CNBB. *DGAE* (2008-2010), op. cit., n. 115, p. 94-95.

7.3.4.1.

Matrizes Freireanas indispensáveis para o estabelecimento da relação de confiança entre o “educador pastoral” e os educandos

a) Dialogicidade

O diálogo é o ponto de encontro permanente para que a convivência entre as pessoas seja respeitosa criando vínculos e comunhão. Diante da riqueza das vocações, espiritualidade, ministérios, movimentos e variados setores pastorais, crescem as demandas e desafios para o diálogo no espaço intra-ecclesial. Educar nesse “espaço” é necessário mas não é fácil e nem simples. O verdadeiro diálogo amplia a capacidade de ouvir, de falar no momento certo, de silenciar, condições que o torna fecundo e rico, produzindo frutos maduros para a pastoral. Quando o diálogo é assumido nos corações e na práxis cotidiana das pessoas afasta motivos que geram competitividade, rejeição e discriminação ao que é diferente, incluindo as diversidades no âmbito da ética sexual. A comunidade eclesial deve ser mediadora e incentivadora do princípio de que todos são irmãos e iguais em dignidade.

Paulo Freire é categórico ao afirmar que só há educação humanizadora/libertadora com o diálogo, central em todo projeto pedagógico. O diálogo, no processo dialético-problematizador, torna possível ao ser humano olhar o mundo e a sua própria existência em sociedade, como realidade inacabada a ser transformada.

A educação proveniente da atitude dialógica faz repensar a vida em sociedade, em comunidade e abre espaços para se discutir sobre os desafios e conflitos oriundos do ethos cultural conforme as necessidades.

O diálogo desenvolve a capacidade de pensar, de comunicação, de síntese e integração necessárias ao educador pastoral. Contraria os monólogos “bancários” que são chamados de “formação”. Como abordar questões da dimensão sexual da pessoa sem a relação dialógica? Como conquistar a confiança das pessoas, acolher suas dúvidas e angústias, seus afetos e sexualidade, sem o diálogo respeitoso? É uma mudança paradoxal, dos “vícios” ou determinismos bancários para uma abertura construtiva, sólida e solidária. O diálogo cria a condição para se comunicar as riquezas da fé, do Evangelho, da doutrina. Não se conquista ninguém com discursos ou imposições moralistas. A fé precisa ser anunciada

como a experiência expressa no *Cântico do Magnificat* (cf. Lc 1, 46-55) – anúncio de alegria, libertação e gratidão.

b) Escuta-Acolhimento-Reciprocidade

Saber escutar é uma arte é “saber pedagógico” indispensável na práxis educativa. Paulo Freire aborda essas matrizes nas obras *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*. O escutar e o acolher auxiliam o relacionamento com o diferente.

O saber escutar-acolher implica na prática da construção do conhecimento crítico-emancipador, exige do educador amorosidade, ternura e tolerância recíprocas. Escutar-acolher é criar vínculos. Conduz a pessoa a uma profunda experiência de alteridade atendendo às demandas do coração humano. As pessoas que participam nas pastorais e nos diversos movimentos, buscam algo além do ensino da doutrina. Firmam-se em seus afetos, em seus sentimentos e desejam ser acolhidas em suas diferenças e dificuldades. Nesse processo são preparadas, através da experiência de fé e do *encontro* humano, a servirem.

O educador pastoral deixa-se envolver pelas exigências e necessidades de mudar seu olhar sobre a educação e a maneira de estar na comunidade. As categorias da ética sexual são mais urgentes. O educador pastoral com escuta acolhedora rejeita os comportamentos discriminatórios em relação à corporeidade e à sexualidade, atenta aos traços do dualismo e deformações muito presentes entre as pessoas, pois a mentalidade dicotômica ainda encontra espaço para desintegrar. Prioriza, por uma escuta atenta e generosa, as “vozes” menos ouvidas ou “caladas” das mulheres, dos negros, dos mais pobres, dos homossexuais, das pessoas com deficiências e outras mais ignoradas em suas angústias, necessidades e realidades existenciais. Perde-se o enorme potencial de generosidade e vida quando não se recupera aquele que se considera “ser menos e incapaz”.

A “arte-desafio” da escuta, necessidade indiscutível para os educadores pastorais é estabelecida através da Palavra de Deus, da reflexão ética e do “escutar” humano contextualizado nas diversas realidades. Escutar-acolher é construir reciprocidade, complementar e testemunhar a relação dialógica. Escuta-acolhimento-reciprocidade são elementos fundamentais para a educação pastoral e valiosos para a ética sexual. Estas matrizes se inserem no âmbito dos assuntos de

fórum privado, confidencial, íntimo e “sagrado” na vida das pessoas e devem ser exercidas com sinceridade e respeito.

c) Atitude de Humildade-Autoridade-Liberdade

A atitude de humildade é acompanhada pela autoridade e pela liberdade. O educador que cumpre sua função através do testemunho sincero de humildade compreende que precisa estar aberto para continuar aprendendo. A humildade na concepção da fé cristã não tem o sentido pejorativo que erroneamente é apresentado pelo coletivo. A sociedade muitas vezes compreende o humilde como fraco, impotente, aquele que não toma iniciativa e se deixa levar pela opinião ou pressão de outros.

Paulo Freire coloca-se em consonância com a ética cristã ao afirmar que ser humilde não é ser oprimido ou reprimido em seus afetos e sentimentos mas a humildade é uma virtude/exigência para o educador, para as pessoas, porque a tornam capazes de lutar pelo respeito e dever ético em seus direitos e dignidade. A verdadeira humildade não é uma submissão ingênua que fere a identidade da pessoa velando-a a si mesma e aos demais; é sinal de fortaleza e de maturidade, é caminho de manifestação da própria segurança de quem sabe o que diz e o que faz. O educador, que exercita a humildade aprende no seu cotidiano a amar. O educador humilde compreende e aceita sua finitude e “sabe que não sabe tudo”, está aberto ao diálogo, à reciprocidade, à alteridade, à escuta do outro com a intenção de partilhar e continuar aprendendo.

Quanto à autoridade-liberdade o educador Paulo Freire estabelece uma oposição diametral entre a autoridade e o autoritarismo. Os mecanismos autoritários, sinais de insegurança e falta de conhecimento da parte de quem impõe o jugo, é combatido. É fundamental no campo do conhecimento, da ética, da sexualidade humana resgatar o verdadeiro sentido da autoridade, proposta e apresentada por Jesus Cristo, que em nada se identifica com o autoritarismo desumanizador e controlador.

O educador pastoral, coerente e responsável, auto-conhece e trabalha as suas inseguranças, para que estas não se transformem em arrogância. Empreender esse caminho é favorecer um ambiente dialógico de liberdade junto com os educandos.

O ser humano, como um ser inacabado, amadurece a própria liberdade confrontando-a com outras liberdades, respeitando o outro na sua imaturidade.

O serviço pastoral-comunitário é parte integrante do cristão no amadurecimento de sua fé e sua práxis cristã. A pastoral assessora a pessoa em sua dimensão da fé, assume a pessoa humana na sua integralidade, pois *fé* e *vida* se articulam. No próximo bloco são abordadas as matrizes que contribuem para um melhor desempenho do educador pastoral na sua práxis cristã.

7.3.4.2.

Matrizes Freireanas relacionadas à práxis do “educador pastoral”

a) Amorosidade-Generosidade-Firmeza

A amorosidade é essencialmente do ser humano. Tem finalidade ético-cultural na sociedade e com a sociedade. O educador pastoral é convidado a viver a amorosidade partilhada na prática da generosidade, ao mesmo tempo, com firmeza em benefício da dignidade da pessoa. Paulo Freire aborda esse tema e o materializa como afeto através do compromisso com o outro, na construção da justiça, da solidariedade e da humildade.

Amorosidade implica a dialética entre a generosidade e a firmeza, exige paciência e coerência, porque o amor constrói, transforma, corrige os percursos, e envolve a pessoa humana em todas as suas dimensões.

A amorosidade, segundo Paulo Freire, desdobra-se em dois significados: o “amor diferenciado” dirigido a uma só pessoa; e o “amor indiferenciado” vivido de maneira mais aberta e ampla. Ao educador pastoral no exercício de seu ministério se adequa mais o “amor indiferenciado”. A amorosidade exige empatia, que se goste e acredite nas pessoas e nos grupos envolvidos na formação e que tenham sido assumidos pelo educador pastoral.

No exercício da amorosidade, as dimensões da afetividade e da sexualidade estão presentes, articuladas e interdependentes, no mais profundo da pessoa. Essa “verdade” interessa diretamente ao tema da ética sexual.

O educador não deve ignorar os próprios sentimentos, desejos, emoções, medos e inseguranças, porque tudo faz parte do caminho que torna possível o seu amadurecimento. É capaz de fazer, de realizar, porque acredita profundamente que o outro sempre “vale a pena”, que nunca é perda de tempo investir na pessoa no seu “*ser mais*”.

Ser generoso é um fruto resultante de quem está aprendendo a amar, a si mesmo, à vida e ao próximo. O aprendizado do amor e da generosidade é próprio

de quem se reconhece imperfeito, distante do que é o ideal, porque o ideal em amor não faz parte da possibilidade humana. Mas é possível a todo ser humano, melhorar e aprender a amar, dar passos concretos de dignidade e humanização. É possível ser mais generoso e terno. O homem atinge mais e mais a essência de sua humanidade quando desenvolve sua capacidade de amar, perdoar e servir ao próximo.

Ser firme é empenhar-se internamente com profunda disposição para levar a termo os projetos de vida e de humanização. Ser firme é ser perseverante e insistente, acreditar em si mesmo e no outro, por mais distante que o outro esteja do seu projeto existencial. Quem ama e sabe educar, precisa ser generoso e agir com terna firmeza, sem rispidez ou grosseria.

7.3.4.3.

Matrizes Freireanas relacionadas à experiência de fé e ao testemunho do “educador pastoral”

a) A práxis, serviço e testemunho na esperança e na alegria

Práxis, serviço e testemunho são inseparáveis. Refletem a alegria e a esperança presentes na vida cristã. A comunidade eclesial prioriza como expressão do Reino de Deus a dimensão da diakonia. Estar comprometido com a vida humana é uma atitude indispensável à vida do *discípulo missionário*. Essa realidade revela sinais de alegria, esperança, entusiasmo, diálogo, aceitação e acolhimento. São matrizes freireanas, mas acima de tudo, são sinais originalmente da vida cristã, presentes no Evangelho de Jesus Cristo.

Uma pergunta não se cala: porque tem faltado entusiasmo e alegria no serviço pastoral? Com tristeza percebe-se desânimo, desgaste, enfado numa grande parcela de agentes pastorais. Sente-se falta do encontro com pessoas que sirvam na alegria e com ousadia profética. Sem generalizar, encontra-se pessoas que parecem carregar fardos ou cumprir obrigações, cansadas, desmotivadas ou frustradas por diversos motivos. Seguir Jesus Cristo e viver o seu chamado é essencial; esse mistério vocacional quando desenraizado na vida das pessoas, as distanciam da Pessoa de Jesus e do outro. O anúncio da Boa Nova de Jesus liberta, transforma, alegra e motiva a pessoa a dar passos corajosos para seguir com os enfrentamentos necessários aos desafios existenciais.

O Anúncio e a práxis cristã são caminhos de alegria e esperança. A solidariedade é exigência a ser vivida na práxis e no serviço. Não pode ser transformada em mero assistencialismo, mas é “encontro”, é alteridade, é realização interpessoal. O assistencialismo esvazia o sentido mais profundo da fé e da educação para a autonomia. Acentua o narcisismo ao invés de servir.

O caminho da solidariedade, categoria do serviço e do testemunho, é o assumir o ponto de vista dos “condenados da terra”, dos “pobres do Evangelho”, dos empobrecidos das comunidades, dos massificados pela instrumentalização alienante da sexualidade que os impede de conquistar sua autonomia. Centenas de jovens e adultos vulneráveis e frágeis nos seus afetos e na falta de compreensão da beleza que comporta a sua própria sexualidade, estão “presos” pela indústria hedonista, do mercado sexual mascarado pelas sensações que mortificam pouco a pouco os valores mais preciosos que comporta a sexualidade humana.

b) Fé e Coerência de Vida

A vida de oração implica numa experiência de fé e compromisso comunitário. A fé em Deus, experiência primeira do Amor incondicional de Deus ao ser humano implica em sua adesão como resposta ao Amor. Amar a Deus faz o caminho do amor em concretude entre os seres humanos levando-os ao cuidado de toda a criação. A fé em Deus conduz à “fé” nos homens e nas mulheres.

Paulo Freire entende que a experiência de fé não precisa estar necessariamente ligada a uma prática religiosa, embora ele fizesse questão de repetir que valorizava a religião, pois vive e cresce em ambiente familiar religioso. Do seu pensamento aproveita dois aspectos da dimensão de fé: a que respeita a filiação religiosa de cada pessoa e a de colocar-se aberto e de maneira respeitosa diante do mistério que é o ser humano. Paulo Freire é homem de fé em Deus e de fé no ser humano.

Essa visão acentua a aversão à intolerância religiosa e sexual; no caso do educador Paulo Freire desde sua juventude percebe a distância entre o evangelho anunciado e a práxis realizada por muitos cristãos, levando-o a afastar-se da Igreja.⁶⁵⁵ A incoerência/distanciamento do Evangelho com a vida é fato em muitas

⁶⁵⁵ Paulo Freire solidifica sua compreensão a partir da fé cristã e percebe que o cristianismo é diferente do que presencia. O seu “retorno” acontece graças a importante ajuda da Ação Católica que o conduz para os *mangues* e *favelas* do Recife.

e muitas pessoas. Essa incoerência interfere negativamente na práxis pastoral e na motivação das pessoas que se doam ao serviço amoroso ao seu próximo, “sinalizadas” e alimentadas pelo Evangelho de Jesus Cristo. A Primeira Carta de São João afirma:

Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus a quem não vê, não poderá amar. E este é o mandamento que dele recebemos: aquele que ama a Deus, ame também seu irmão. (I Jo 4, 20-21)

A capacidade transformadora defendida em Paulo Freire mantém-se viva na sua pedagogia, na sua experiência de fé, encarnada e comprometida com a história humana. A associação que ele faz entre a sua fé com a fé *nos* homens e *nas* mulheres manifesta a credibilidade no ser humano. A pessoa pode ser mais do que é, supera suas dificuldades e conflitos, transforma o seu meio, aprende e ensina ao longo de sua vida.

Essa afirmação é um elemento de criticidade e de diálogo sem ingenuidade. A fé que se nutre pelo ser humano procede da experiência da fé em Deus e está imersa na esperança que se torna real na historicidade, no dia a dia da sociedade. A esperança é companheira do ser humano em suas lutas, desacomoda-o e o impele a transformar. Desarticula preconceitos e resistências frente aos comentários improcedentes sobre a incapacidade da pessoa de aprender sobre a sua sexualidade, seu corpo, sobre os métodos contraceptivos, especialmente os jovens. São “desculpas” para a omissão e para a indiferença. Não admite a insuficiência de conhecimento nos assuntos relacionados com a dimensão sexual. O educador pastoral, comprometido em sua fé e com sua missão, acredita no outro, tem fé *no* outro, supera essa tendência e não se acomoda com as deficiências, com os limites e as dificuldades.

c) Anúncio e Denúncia

Na fé cristã, Anúncio e Denúncia estão conjugados. O Anúncio do Evangelho de Jesus Cristo compromete-se com a libertação e transformação do ser humano. É imprescindível a denúncia das estruturas desumanizadoras e alienantes das pessoas.

A educação libertadora do método freireano é profética e aponta para a esperança. O aprendizado de Paulo Freire sobre o anúncio e a denúncia recebe a influência da fé cristã e das diversas culturas contactadas, culturas mestiças, plurais ou híbridas dos muitos povos oprimidos e dos opressores.

Esse “contato” corajoso com as diferenças é peça chave para a reflexão da ética sexual. É necessário estabelecer “contato” sem medo do diferente para se distanciar dos preconceitos que ferem o outro e o marginaliza.

Acolher não significa imiscuir-se no sentido da perda de identidade; é colocar-se ao lado e receber a pessoa no coração. Essa disposição de abertura do educador pastoral favorece que o mesmo também seja acolhido e ouvido ao comunicar as riquezas que deseja anunciar. É encontro entre corações.

Essa realidade na educação de Paulo Freire, marca sua concepção de anúncio/denúncia e questiona os educadores sobre o modo de se fazer ouvir e acolher. Algumas perguntas interpelam o educador pastoral: Como ser “profeta” sem ouvir e acolher o outro? Como ser “profeta” se a alegria do anúncio e a coragem da denúncia não impulsionam para frente e para o diferente? Como educar? Como integrar a dimensão afetiva e sexual sem denunciar os mecanismos hedonistas de instrumentalização e banalização da sexualidade?

Ser profeta em Paulo Freire é ser um trabalhador a serviço da esperança, é ser um lutador pela justiça denunciando os mecanismos de opressão. O profeta está enraizado na sociedade, vê e percebe o mundo, é capaz de escutar, de estar atento aos sinais dos tempos, compreendendo os movimentos opressores e as possibilidades de mudança. A transformação do ser humano e da sociedade envolve a dialética entre o anúncio – que é caminho para a humanização e a denúncia dos instrumentos de desumanização.

Os temas do anúncio/denúncia são imprescindíveis à proposta da tese de uma educação libertadora para o amor, pois os mecanismos de opressão e manipulação sexual são sutis e “arrastam” as pessoas através do mercado consumista, do hedonismo, das massificações narcísicas e desumanas. Procede elaborar uma metodologia educacional mais efetiva que objetive atender especialmente aos mais desavisados que ingenuamente deixam-se emaranhar nas redes dos “opressores”. E opressor não pode ser profeta.

7.4.

A proposta de uma metodologia de formação continuada na perspectiva integradora e humanizada da dimensão afetivo-sexual da pessoa na pastoral

A proposta de uma metodologia de educação continuada para a pessoa no amor depende de alguns fatores tais como: a presença generosa e bem preparada do “educador pastoral”, a elaboração de materiais e subsídios adequados e a valorização no preparo da ambientação da sala para o encontro do grupo entre outros é essencial. Os critérios de incentivo aos debates dialógicos sobre os temas e a privacidade garantida a todas as pessoas envolvidas, numa relação de confiança e respeito, é prioridade.

Na pastoral há diversidade de espaços para o acolhimento e para a formação. A metodologia perpassa o processo de formação somando-se aos conteúdos e às experiências humanas com novas formas de execução no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

7.4.1.

Aplicação da Práxis Educacional Freireana para a formação pastoral na dimensão afetivo-sexual da pessoa

Nos próximos subitens far-se-á a apresentação dos elementos metodológicos de Paulo Freire aplicados como mediação aos conteúdos temáticos da ética sexual, numa perspectiva da ética cristã integradora.

7.4.1.1.

Temas geradores

Paulo Freire na *Pedagogia do Oprimido* desenvolve o significado da “palavra geradora”. Os temas geradores são formados por um universo expressivo de palavras, escolhidas nos diálogos formais e informais instaurados no grupo formado. Os temas geradores requisitam do educador, consciente que não sabe tudo, a disponibilidade para ouvir e nutrir a curiosidade epistemológica. Os temas geradores, construídos através das palavras geradoras, não são pré-estabelecidos pelo educador pastoral, mas resultam da experiência do grupo, tocados pelas percepções de corpos pensantes, que interpretam, que possuem amorosidade e trazem a sua própria historicidade que deve ser respeitada. As pessoas “contagiam-se” a partir das suas incompletudes.

O grupo é motivado pelo educador pastoral a pensar em palavras afins à proposta de trabalho. O tema gerador pode ser discutido no mesmo encontro ou num percurso a curto, médio ou longo prazo; depende da finalidade e da intenção combinadas entre os educadores/educandos.

Das palavras nascem os universos temáticos. Estes podem ser desdobrados até onde for possível. Elucidar-se-á uma proposta metodológica de educação continuada através da aplicação do método freireano aos temas da ética sexual através de exemplificações. Para não contradizer ao método da educação dialógica e libertadora, os assuntos, os conteúdos, o tempo de atividade de cada grupo e os tipos de grupos nas diversas faixas etárias, não será fechado. A pastoral, a partir da estrutura exemplificada, faz as aplicações necessárias de forma objetiva. Abre-se espaços às discussões críticas, do “fazer pensando” e em conjunto.

- Exemplificação de alguns Temas Geradores que podem surgir no grupo que discute assuntos pertinentes a Ética Sexual:

- 1º Gravidez na adolescência;
- 2º As relações pré-matrimoniais, justificadas em grande parte como um dado de ordem cultural e por isso “aceitável” pela maioria do grupo social;
- 3º A complexidade dos métodos contraceptivos;
- 4º Matrimônio e família;
- 5º As segundas núpcias como uma realidade presente;
- 6º Castidade, Celibato e Virgindade;
- 7º A homossexualidade e diversidade sexual;
- 8º A masturbação;
- 9º Aborto;
- 10º **A violência contra a mulher;**
- 11º Violência sexual contra crianças e adolescentes; pedofilia etc.

Do elenco se escolhe um assunto para continuar a exemplificação dos passos da metodologia: a *violência contra a mulher*, dada a sua gravidade e relevância ⁶⁵⁶

⁶⁵⁶ Cf., MINISTÉRIO DA SAÚDE. SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. *Painel Temático Saúde da Mulher, V.I. Painel de Indicadores do SUS n. 2, 2007.* Os autores ao se referirem à violência contra a mulher recordam que há muitas formas de violência, sendo muito frequente a violência intrafamiliar ou doméstica. As agressões domésticas estão no grupo do abuso físico, sexual e psicológico, negligência e abandono, entre outras. Há também as de ordem moral (calúnia, difamação, injúria à honra da mulher) e a patrimonial (ato de violência que implique dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores). A exclusão, a

7.4.1.2. Situações Existenciais

O segundo passo do método é a explicitação pelo grupo das *Situações Existenciais* decorrentes do tema gerador. Segundo Paulo Freire as situações existenciais são as circunstâncias presentes na vida das pessoas que estão no grupo ou as observadas em realidades próximas. São situações concretas, faz parte do cotidiano das pessoas, de sua história podendo ser organizadas através de conteúdos programáticos da educação ou na ação política.⁶⁵⁷

As *Situações Existenciais* estão relacionadas às *situações-limites* e ao *texto/contexto*:

- *Situações-limites* - compreendidas como sendo as circunstâncias constituídas pelas contradições na vida dos indivíduos, produzindo aderência aos fatos, envolvendo-os, preocupando-os, levando-os a perceberem a situação para que possam transformá-la ou não. Muitas pessoas não conseguem mudar a situação em que se encontram e deixam-se levar por um sentimento profundo de *fatalismo*. O “educador pastoral” tem função muito importante através da educação libertadora e conscientizadora-crítica levando-as à compreensão de suas situações de vida e à transcendência através das mudanças em si mesmas e do ambiente onde estão enraizadas.

A situação de – *Violência contra a mulher* se aplica ao comportamento de fatalismo. Uma infinidade de mulheres permanece atada às ameaças, medos e inseguranças, sem reagirem o mínimo que seja; não se defendem e nem lutam contra as covardias. Deixam-se levar com impotência pelo terror extremo que sofrem das mais variadas formas.

- *Texto/contexto* - o texto e o contexto aparecem através da análise dos atos de ler e estudar. Os textos apresentados sobre a situação discutida ajudam a compreender e transformar a realidade. É um “processo de reinvenção contínua do texto no contexto cultural e histórico.”⁶⁵⁸ Com o texto aprende-se a contextualizar.

Os processos educacionais agregam contextos teóricos e concretos, situações existenciais, experiências cotidianas em várias realidades culturais, históricas e circunstanciais da vida de cada um. Esse processo é dinâmico. Depois

desigualdade de gênero, o machismo, são outros exemplos de violência contra a mulher que podem ser problematizados nos grupos como temas transversais.

⁶⁵⁷ Cf. FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, op. cit., cap. 3.

⁶⁵⁸ Idem. *Pedagogia dos Sonhos possíveis*, op. cit., p. 73.

de explicitados os assuntos o grupo forma um valioso mosaico que lança luzes sobre a realidade de cada um trazendo coragem e ânimo para mudar as situações necessárias. A clareza da situação abre-lhes possibilidades que dão novo sentido às suas vidas.

- Exemplo de algumas *Situações Existenciais* relacionadas com o Tema Gerador, produzidas e discutidas pelo grupo - *Violência contra a mulher*.

Enumera-se quatro situações:

1. As diversas manifestações de violência “silenciosa”, de caráter sexual, instituída no matrimônio ou nas relações estáveis.⁶⁵⁹
2. O estupro.
3. A imposição histórico-cultural do machismo ou androcentrismo sobre a mulher desde o Brasil-Colônia e que perdura até hoje na sociedade.
4. O assédio sexual.

7.4.1.3. Problematização

A problematização resulta do apontamento das situações existenciais. Ao perceber e citar as situações existenciais, o grupo através de perguntas, problematiza e reflete sobre os problemas implicados ao assunto. É importante ressaltar que as situações e problemas apresentados mesmo que pareçam “fictícios” surgem como observação ou dados concretos na vida das pessoas ou da comunidade. Essa história, criada em função dos velamentos naturais em função de constrangimento, gravidade do assunto, medo do preconceito e pela falta de apoio, é provavelmente verdadeira. O educador pastoral, mediador para o estabelecimento das relações de confiança e de privacidade, deve estar sensível ao que acontece. O “sagrado” das pessoas é exposto.

O conceito de problematização em Paulo Freire é relacionado ao “pensar certo” e ao “perguntar certo”. São conceitos da pedagogia crítico-humanizadora.

⁶⁵⁹ MINISTÉRIO DA SAÚDE. SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. *Painel Temático Saúde da Mulher, V.I*, op. cit, p. 17, define a Violência sexual como aquela “que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou participar de relações sexuais forçadas por intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal – por exemplo, estupro, tentativa de estupro, sedução, atentado violento ao pudor e ato obsceno. A violência sexual provoca transtornos físicos e psicológicos, especialmente quando envolve crianças e adolescentes. É crime e, como toda forma de violência contra a mulher, deve ser denunciada.” No capítulo terceiro desta tese há referência sobre a Lei Maria da Penha que ampara as mulheres vítimas de violência.

Problematizar não é criar problemas mas construir os problemas numa visão crítica para a autonomia da pessoa. Exige coerência entre a teoria e a prática, desafia o pensamento dialético e abre a pessoa para a dialogicidade com o diferente. A problematização é antagônica ao antidiálogo. É uma forma de pensar comprometida acima de tudo com o processo de humanização da pessoa.

Perguntar é tão essencial que, o ato de calar o ser humano, isto é, não deixá-lo dizer a sua palavra é proibi-lo de ser homem, de ser mulher, é lhe impor censuras e escravizá-lo nas grades da cultura do silêncio e da alienação. A liberdade, a consciência crítica, a educação libertadora e humanizadora têm por base processual, permitir ao homem e à mulher dizerem a sua palavra, não calarem a sua voz, para que seja acolhida, debatida ou correr o risco de ser rejeitada. Quando se calam vozes, por mecanismos silenciadores, nega-se ao ser humano a sua humanidade, a sua dignidade, o seu direito de identidade, de subjetividade, tolhendo-o em sua criatividade.

A ética cristã, alicerçada no seguimento e no discipulado de Cristo, não é castradora. Jesus Cristo aponta para a libertação, para a alegria em pertencer ao “Reino”, para a co-responsabilidade, para que o homem e a mulher encontrem em Deus, o seu “ser mais”. Em relação ao tema gerador – *Violência contra a mulher*, muitos mecanismos castradores de silenciamento são covardemente impostos, permanecem impunes, na convivência maldosa e na indiferença.

- Exemplo de Problematizações em torno das Situações Existenciais realizadas através de perguntas: o grupo escolhe o que vai discutir, quantas perguntas deseja ou pode debater.

1. *As diversas manifestações de violência “silenciosa”, de caráter sexual, instituída no matrimônio ou nas relações estáveis:* Por que a mulher é colocada no lugar da subserviência em relação ao marido ou ao parceiro em nome dos “deveres conjugais”? Quais as consequências do silenciamento da mulher na sua vida conjugal? Por que a mulher assume a atitude de ser submissa ao parceiro? O que faz a mulher vivenciar o constrangimento e os sentimentos de humilhação não admitindo que está “infeliz e lhe falta realização” no matrimônio? Por que não há espaço para o acolhimento e escuta respeitosa, dentro da relação conjugal e/ou na comunidade eclesial onde a mulher participa? Quais são as consequências da negação da sua autonomia e dignidade? Existe a auto-culpabilidade ou é imposta a culpa sobre a mulher como responsável pela violência que lhe é infligida? O

silêncio seria a tentativa de preservar o “status” social e eclesial? O silêncio seria uma forma de preservar os filhos das investidas do agressor? A mulher tem negado o seu direito ao prazer sexual ou aceita o desmerecimento deste prazer, pois o mesmo tem sido visto apenas como um direito do homem? etc.

2. *O estupro*: Essa forma de violência produz lesões físicas graves; comprometimentos de ordem mental e emocional na vida da mulher? Pode acontecer uma gravidez indesejada como resultado do estupro? E o desejo pelo abortamento? Como a mulher pode superar os sentimentos de “menos valia” e “baixa auto-estima”? Como “sobreviver” às várias manifestações dos estresses pós-traumáticos; dos traumas sócio-psico-morais e do próprio isolamento do grupo social que a violência produz? Acontecem impedimentos para o trabalho em função dos danos sofridos? Há discriminação por parte do grupo social e da família? E o divórcio pode vir a acontecer? Surgem dificuldades a curto ou médio prazo nos relacionamentos afetivos e na maternidade? etc.

3. *A imposição histórico-cultural do machismo ou androcentrismo sobre a mulher desde o Brasil-Colônia e que perdura até hoje na sociedade*: Há uma cruel “afonia” social vivenciada pela mulher ao longo dos anos na sociedade, dentro da Igreja, no interior da família? Essa “afonia” pode levá-la a uma postura de submissão? Existe a falta de auto-reconhecimento de sua “maior idade” ou de sua autonomia como pessoa? As desigualdades nas relações de gênero afetam a vida da mulher nas questões sociais, sobretudo no trabalho? etc.

4. *O assédio sexual*: A mídia funciona como “facilitadora” dos mecanismos de instrumentalização da mulher na sociedade? A pessoa/mulher é “usada” como objeto sexual com a finalidade de produzir satisfações hedonistas? Algumas culturas regionais são capazes de produzir a deformação da imagem da mulher? A música, as associações da figura da mulher ao consumo de bebida, ao consumo sexual podem deformar sua auto-imagem? Essas deformações na compreensão da sua auto-imagem são mecanismos de alienação e instrumentalização do corpo feminino? Os estereótipos de homem-mulher classificados de forma maliciosa, dão lugar ao predomínio de desigualdade do homem sobre a mulher? Pode

decorrer de tudo isso a possibilidade de investidas maldosas sobre a mulher desde os assédios verbais ao estupro?⁶⁶⁰ etc.

7.4.1.4.

Saberes Pastorais: Saberes Curriculares e sua relação com os saberes experienciais

Paulo Freire escreve sobre os “Saberes Curriculares”. Em analogia pode-se aplicar a “linguagem freireana” conceituados como “Saberes Curriculares” aos “saberes pastorais”. O saber é o “material” ou conteúdo trazido pelos educandos, que tem relevância, é acolhido na escuta e no respeito pelo grupo e pelo “educador pastoral”. Cada pessoa traz sua experiência contextualizada, possui saberes acumulados ao longo do cotidiano da vida. A pessoa ao chegar num grupo social ou pastoral precisa encontrar espaço, na dialogicidade, para comunicar-se. Para o educador Paulo Freire, o saber existe na reinvenção das experiências, nas buscas inquietantes e permanente que as pessoas fazem com as demais pessoas e com a própria sociedade.

Os saberes partilhados na prática pastoral, de forma dialogal, auxiliam no processo de compreensão da situação existencial, da problematização e da conscientização para que as mudanças sejam produzidas pelo grupo ou pela pessoa que apresenta o problema. A relação entre os saberes tem caráter interdisciplinar. O “educador pastoral”, por meio dos “saberes pastorais” deve relacioná-los com outros “saberes”, nutrindo respeito aos resultados construídos pela prática comunitária, em vista do *pensar certo* com os educandos.

No exemplo a seguir, a partir do tema gerador - *violência contra a mulher*, é escolhida uma pergunta problematizada.

– Exemplo de Saberes Pastorais, a partir de um Tema Gerador, que desdobram-se em Situações Existenciais, Problematizadas pelo grupo:

O tema gerador, a situação existencial problematizada pelo grupo é iluminada através do educador pastoral com alguns conteúdos da reflexão ético-teológica. O Saber Ético/Teológico dialoga com interdisciplinaridade com outras

⁶⁶⁰ CEIIAS – CENTRO DE ESTUDOS INTEGRADOS INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E SAÚDE. Rio de Janeiro, 2005, define *Assédio sexual* como “o indesejável avanço sexual que cria intimidação no ambiente da escola, ou trabalho, relacionado ao uso do poder ou da coerção para se alcançar a submissão ou favores sexuais e a melhoria das condições de avanço acadêmico ou do emprego individual. O assédio sexual expõe as mulheres, principalmente quando adolescentes, à humilhação e ao constrangimento, criando situações de impasse devido à dependência.”

áreas ou saberes do conhecimento. As questões existenciais relacionadas a dimensão afetiva e sexual são complexas e a troca de conhecimento é indispensável. Segue o exemplo:

1. *As diversas manifestações de violência “silenciosa”, de caráter sexual, instituída no matrimônio ou nas relações estáveis:* a mulher que se coloca no lugar da subserviência e da submissão ao marido ou ao parceiro em nome dos “deveres conjugais”. Dessa situação Existencial pode ser escolhida uma pergunta ou problematização para que o grupo discuta. A partir desse processo apresenta-se o saber ético/teológico seguido dos saberes do conhecimento implicados no diálogo interdisciplinar.

- Saber Teológico-Pastoral (Ética Cristã) - nesse momento do método, o “educador pastoral” age como um mediador da palavra e apresenta os conteúdos da ética cristã que correspondam ao tema/problema discutido. No exemplo trabalhado apresenta-se os seguintes assuntos da ética sexual: apresentação da teologia do matrimônio; explicitação do que é a abertura generosa ao “nós” nas dimensões unitiva e procriativa do matrimônio; esclarecimento sobre o valor da integração das relações fundamentais no estabelecimento de “encontros” mais humanizados; respeito e a vivência da alteridade; a prática do perdão e da reconciliação; respeito ao desejo e ao “tempo” do outro/a; negação dos mecanismos de manipulação sexual e moral; incentivo de partilha dos sentimentos e funções pertinentes ao matrimônio; a castidade e a fidelidade matrimonial etc.

- Saberes do conhecimento (curriculares) que podem estar implicados na interdisciplinaridade: por exemplo a análise sociológica e a psicológica das situações apresentadas.

7.4.1.5. Estratégias ou ações didático-pedagógicas

As estratégias ou ações utilizadas facilitam e realçam a troca de experiências no grupo, com técnicas didático-pedagógicas que perpassam todo o processo pedagógico-educacional. Não se realizam apenas ao final do percurso, mas são facilitadoras e pontes para a elaboração, sedimentação e finalização de cada etapa. As estratégias pedagógicas possibilitam trabalhar com todo o processo metodológico freireano: criação dos *Temas Geradores*, levantamento de *Situações Existenciais*, *Problematização* e *Estudo dos Temas entre os Saberes*

interdisciplinarmente. Com o exemplo apresentado, podem ser utilizadas várias estratégias e as escolhas dependem do tema, do grupo, do ambiente e dos objetivos a serem alcançados. Recorda-se que se trabalha através de exemplo de tema gerador, situação existencial e problematização. Para a discussão entre os saberes implicados – ética cristã e outras áreas do conhecimento, as estratégias didático-pedagógicas são indispensáveis. Retorna-se ao exemplo:

- *As diversas manifestações de violência “silenciosa”, de caráter sexual, instituída no matrimônio ou nas relações estáveis: a mulher que se coloca no lugar da subserviência e da submissão ao marido ou ao parceiro em nome dos “deveres conjugais”.*

Para a “dialogação” e apresentação dos “saberes pastorais” leva-se em consideração as diversas formas de linguagem, adaptadas às técnicas didático-pedagógicas, de acordo com o grupo, com o tema, com a faixa etária, com as condições sócio-econômica-culturais, com o cronograma destinado ao trabalho, com os recursos disponíveis, com a criatividade e capacidade de cada um na elaboração simbólica dos conteúdos.⁶⁶¹ A escolha das estratégias depende do perfil do grupo, do tempo para discussão e dos dramas vivenciados. As formas de comunicação escolhidas pelo grupo, algumas vezes, sugeridas pelo educador pastoral, devem ser um instrumento de facilitação e não de constrangimento ou retração das participações. Não devem ser utilizadas de maneira banalizada expondo as pessoas nas suas dificuldades ou fragilidades.

- **Exemplo de utilização das diversas formas de comunicação:** textos apropriados ao tema com leitura partilhada, redação, oficina, poesia, arte cênica e plástica, sociodrama, mímica, expressão corporal, dança, pintura e modelagem, filme, música, fotografia, painel ou pôster, mural, jogos de construção do corpo, jogos em geral e outros recursos didático-pedagógicos que estimulem a criatividade do grupo.

É importante enfatizar que Paulo Freire, com sua metodologia, apresenta meios para auxiliar a pessoa a ler o mundo. É relevante para esta tese buscar novas formas de comunicação, com maior abrangência dos meios de linguagens

⁶⁶¹ Cf. JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica “Catechesi Tradendae”(CT) – A Catequese Hoje (CT)*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 39-40; cf. CNBB. *Evangelização da Juventude*. Desafios e perspectivas pastorais. Estudos da CNBB 93. São Paulo: Paulus, 2006, n. 121-132.141-162, p. 49-50.52-56.

para melhor expressão dos sentimentos, do conhecimento e saberes explorando ao máximo a capacidade de comunicação de cada um.

Com diversas formas de comunicação, ciência e tecnologia, filosofia, participação de cidadania, participação política, e outros modos que manifestam a vontade de “ser mais”, de fazer o outro “ser mais”, pode-se solidariamente colaborar numa pastoral que seja reflexo de uma *Comunidade de Amor* para a construção de uma sociedade mais humanizada.

Para a educação da sexualidade todas essas formas de comunicação podem ser aplicadas. Deve-se cuidar da escolha das estratégias de acordo com os temas e a faixa etária do grupo. Nem tudo se aplica a todos. Observam-se alguns outros cuidados: evitar as repetições de estratégias pedagógicas para não cair no desgaste, desmotivação e falta de interesse do grupo; perceber os caminhos que funcionam ou que comunicam melhor porque estão mais adequados e atentar para o grau de resposta do grupo em relação à didática escolhida. A criatividade na sua rotina é dinâmica. As mudanças de direção também devem ser medidas e pensadas; muitas vezes, apesar da boa intenção, as mudanças radicais ou realizadas repentinamente podem prejudicar a estabilidade do grupo.

Acrescentam-se outros fatores: ambientação bem cuidada como sinal de zelo e interesse pelo trabalho; organização; higienização e salubridade do local; iluminação e som; proporcionar, mesmo em espaços pequenos e simples, o conforto necessário para que as pessoas se sintam acolhidas e preservadas em suas privacidades.

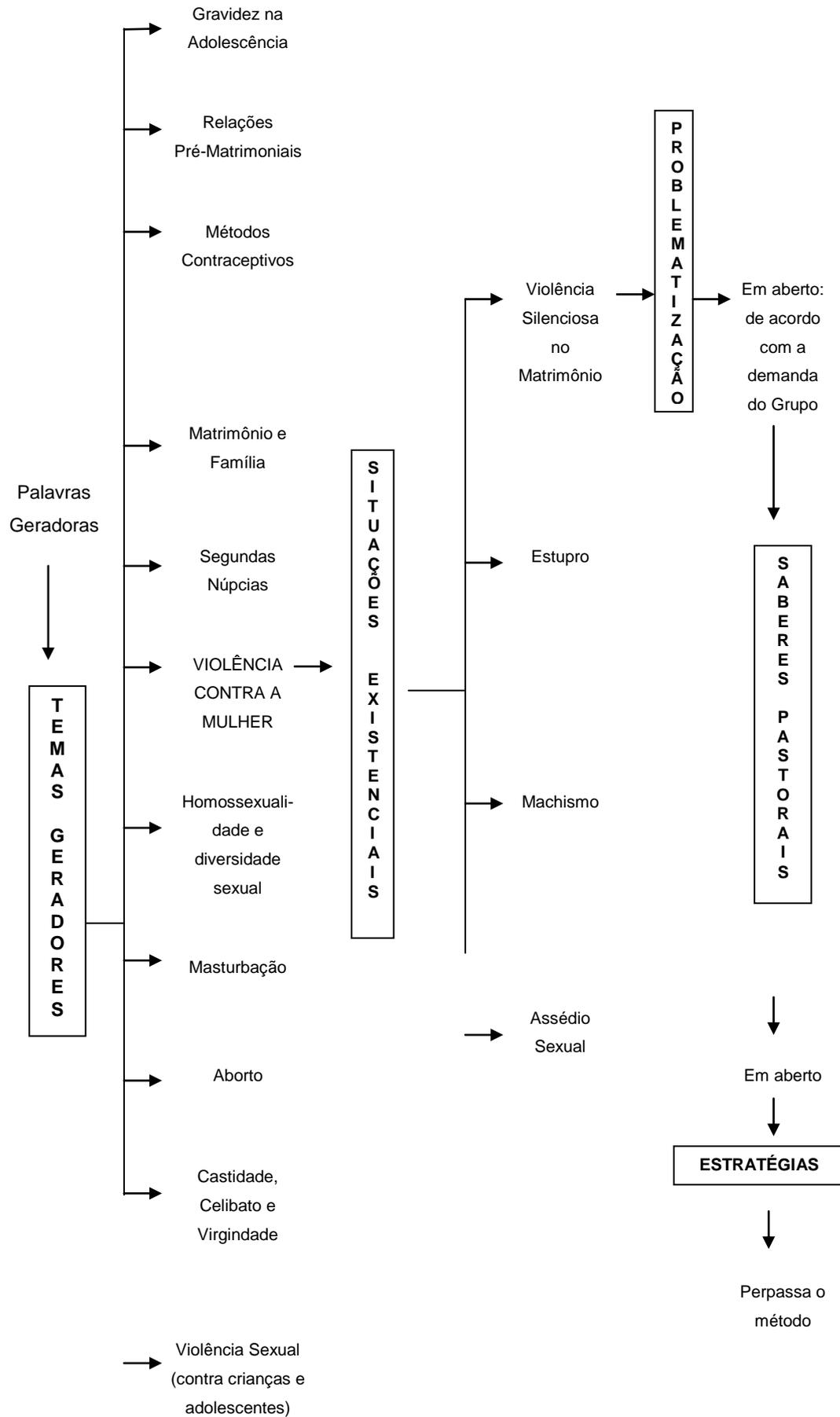
Nas estratégias ou ações didático-pedagógicas o processo de avaliação não pode ser negligenciado. A avaliação é instrumento valioso para os educadores pastorais e o grupo, inclui uma generosa e criteriosa auto-crítica de todos os que participam do grupo de trabalho.

Para melhor visibilidade da metodologia apresenta-se um esquema de sua aplicação.

7.4.2.

Esquema da Aplicação da Práxis Educacional Freireana com alguns Temas da Ética Sexual Cristã

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0621175/CA



Conclusão

A educação é contínua e indispensável para a reconfiguração da forma de se compreender e viver a sexualidade. A pessoa consciente de sua “incompletude” se disponibiliza a aprender. A pessoa que se auto-enxerga, se auto-critica, vê melhor o outro, considera o outro de fato como “outro”, concebe-o como alguém capaz de ajudá-la a compreender melhor o mundo e a si mesma.

O capítulo sétimo apresenta uma metodologia de educação continuada da dimensão afetivo-sexual da pessoa na pastoral. A metodologia proposta é fundamentada através de elementos da ética cristã e busca responder a necessidade de formação constatada pela Igreja através dos documentos de Aparecida e das Diretrizes Gerais de Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2008-2010) da CNBB. Para a elaboração da metodologia pastoral, pesquisa-se no método de Paulo Freire, em sua educação dialógica libertadora, os conteúdos adequados para a o estabelecimento da interdisciplinaridade.

A metodologia freireana encontra limites em sua aplicabilidade como um todo, nas Pastorais formadoras, como as de Iniciação Cristã e outros setores da Igreja Católica que possuem um Diretório de Orientação com conteúdos formais, temas apropriados às suas finalidades e um cronograma pré-estabelecido. A abordagem metodológica desta tese colabora através das estratégias de ação, do aproveitamento das matrizes, dos “saberes curriculares” como instrumento facilitador no processo educacional para melhorar e enriquecer a comunicação da mensagem. Acredita-se que mesmo nas formalidades existe a possibilidade de abrir-se espaço para a criatividade em vista da eficácia na comunicação dos conteúdos. É indispensável no desenvolvimento do ensino-aprendizagem que as atividades de avaliação também estejam presentes. Uma avaliação dialógica, auto-crítica que parta dos educadores e educandos. A auto-avaliação incentivada por quem elabora e comunica os conteúdos é fundamental para a mensuração dos resultados na vida das pessoas e na práxis pastoral. Espera-se que a educação oferecida proporcione melhores e conscientes engajamentos junto à comunidade eclesial e na sociedade.

Há consciência de que este trabalho é apenas o início de um processo, é um indicador de possibilidades, que pode abrir caminhos de contribuição acadêmico-pastoral para melhor desenvolvimento do assunto da dimensão afetivo-sexual da

peessoa. Esta pesquisa, realizada à luz da proposta do Evangelho de Jesus Cristo, com base numa reflexão ético-teológica integradora, com sensível escuta do magistério eclesiástico e em abertura/diálogo com as mudanças e novas adaptações que o tema exige, é fruto de uma experiência de fé comprometida e contextualizada e de um profundo respeito e zelo pela pessoa humana, acreditando-se sempre que o ser humano é capaz de “ser mais” e de superar-se.